



CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, domingo, 27 de setembro de 2026

João Vidal e Cristiano
Moreira: contato com a
tecnologia além da IA

Desafio de ensinar no mundo 5.0

Novidade do momento na educação, o uso da inteligência artificial é realidade nas escolas. O diferencial está em saber usá-la como ferramenta de aprendizagem. Pais, educadores e pesquisadores mostram como isso é possível — e todas as variáveis que um ensino de qualidade exige



CARTA AOS LEITORES

A humanidade em primeiro lugar

Se os celulares saíram do ambiente escolar, a inteligência artificial entrou, definitivamente, na sala de aula. Mas o grande desafio está justamente em fazer da ferramenta um instrumento de criatividade e transformar o que muitos associam a distração e entretenimento passivo em pensamento crítico.

No especial *Escolha a escola do seu filho*, que chega à 20ª edição, educadores e estudantes mostram como a tecnologia pode ser uma aliada na construção desse desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. Nesse sentido, ela aparece de forma transversal, e não como uma mera navegadora de redes sociais.

Mas o fato de a IA estar no centro das discussões não significa que os cuidados com o bem-estar e a saúde emocional devam ficar em segundo plano. Pelo contrário. É papel da escola estar atenta a sinais de ansiedade e estar preparada para agir de forma rápida e eficiente.

Elementos trabalhados dentro e fora da sala contribuem para a formação integral do estudante, do engajamento em trabalhos voluntários a ações antirracistas. Os desafios em preparar esses jovens para um mundo cada vez mais competitivo e cheio de fatores estressantes são muitos. Mas parceria de escola e família parece ser o melhor caminho.

Boa leitura!

Sibele Negromonte e Mariana Niederauer



Aponte a
câmera para
o QR Code e
confira o site!

ÍNDICE

Aprender brincando

Atividades lúdicas, próprias da infância, podem levar ao caminho da leitura e da escrita.

PÁGINA 14

Ed Alves/CB/D.A Press



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Leitura transforma

Espaços de leitura, na sala ou em bibliotecas, são essenciais para a aprendizagem.

PÁGINA 18

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Equilíbrio emocional

Observar sinais de ansiedade e estar preparado para agir também é papel do educador.

PÁGINA 26

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Educação antirracista

Discutir a questão racial na escola é uma forma de ajudar o aluno a encontrar pertencimento.

PÁGINAS 30 E 31

Ed Alves/CB/D.A Press



Com a mão na massa

Levar o aprendizado para o cotidiano contribui para a formação de estudantes mais críticos e participativos.

PÁGINA 37



Do Maristinha Pio XII ao Maristão: a jornada educacional pensada para cada idade

Divisão entre unidades, com infraestruturas separadas, reflete proposta pedagógica que acompanha as transformações do estudante da infância à adolescência

Apresentado por



GABRIELLA COLLODETTI

Cada fase da vida escolar exige um olhar diferente e é a partir dessa premissa que o Colégio Marista de Brasília organiza sua proposta educacional. Os estudantes são acolhidos em espaços pensados por faixa etária: o Maristinha Pio XII (SGAS 609), dedicado à Educação Infantil e 1º e 2º ano do Ensino Fundamental; o Maristinha (SGAS 609), voltado ao Ensino Fundamental do 3º ao 7º ano; e o Maristão (SGAS 615), que recebe os anos finais do 8º ao Ensino Médio.

A proposta é oferecer ao estudante um ambiente pensado para sua idade e suas necessidades, com profissionais especializados, projetos, eventos, tecnologia, espaços de aprendizagem e protocolos de segurança que acompanham as particularidades de cada fase. “A divisão expressa uma intencionalidade pedagógica muito clara: estruturar a escola a partir das etapas do desenvolvimento humano, garantindo coerência entre ambiente, currículo, metodologias e expectativas formativas”, explica o diretor geral Ricardo Timm.

A organização do Colégio Marista parte de uma proposta pedagógica única e contínua, baseada na formação integral, mas que se adapta às diferentes etapas do desenvolvimento dos estudantes. Mudam as formas de mediação – do lúdico ao

acadêmico –, o grau de autonomia esperado e a complexidade das experiências cognitivas e emocionais, mas permanecem os mesmos princípios: um projeto educativo comum, uma mesma visão de ser humano e o compromisso com a formação integral do estudante.

“Desenvolvemos competências que vão da curiosidade e da expressão na infância até o pensamento crítico, a autonomia e a construção do projeto de vida no Ensino Médio, formando estudantes preparados não apenas para provas, mas para a vida. A proposta Marista não trabalha competências isoladas, mas integradas: cognitivas, socioemocionais, ético-humanas, espirituais e de sentido. Resultado esperado: um jovem protagonista, capaz de escolher, argumentar e atuar no mundo”, destaca.

De acordo com Timm, o Colégio Marista acompanha cada criança e jovem de forma próxima, respeitando seu tempo, estimulando suas potencialidades e ajudando a desenvolver competências fundamentais para a vida: aprender a pensar, a conviver, a fazer escolhas e a construir seu próprio projeto de vida. “Nossa escola é um espaço de aprendizado, mas também de cuidado, de valores e de sentido. Buscamos formar não apenas alunos preparados academicamente, mas cidadãos conscientes e solidários”, defende.

Três espaços, uma trajetória

A divisão entre Maristinha Pio XII, Maristinha e Maristão não

representa apenas uma separação por faixa etária, mas uma escolha pedagógica que considera as características, os desafios e as necessidades de cada fase da vida escolar. “Nossa proposta parte de uma convicção pedagógica muito clara: crianças, pré-adolescentes e adolescentes vivem etapas distintas do desenvolvimento humano e, por isso, aprendem, se relacionam e necessitam de acompanhamento de formas diferentes”, contextualiza Ana Maria Branquinho, gerente geral do Colégio Marista.

Segundo a executiva, isso permite oferecer uma educação integral, que contempla o desenvolvimento acadêmico, socioemocional e espiritual com profundidade e intencionalidade. Além disso, a passagem por diferentes unidades acompanha as transformações vividas pelo estudante ao longo da Educação Básica. Mais do que uma mudança de espaço, cada transição marca uma nova etapa de desenvolvimento, com experiências e desafios próprios. “A trajetória do estudante é pensada e preparada para acompanhar seu desenvolvimento de forma gradual, intencional e integral”, explica. Nos primeiros anos, o foco está na descoberta do mundo, na construção de vínculos afetivos e no desenvolvimento da autonomia.

Com o avanço da escolaridade, ampliam-se as relações sociais, o aprofundamento acadêmico e as responsabilidades. Já na adolescência, o ambiente passa a apoiar suas escolhas e fortalecer seu protagonismo. “Cada transição de unidade representa um



novo capítulo dessa jornada, com espaços, metodologias e equipes preparados para acolher as transformações de cada fase”, pontua.

Tradição e inovação lado a lado

Quase dois séculos depois da fundação do Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas, em 1817, na França, a tradição educacional marista busca responder às transformações de uma escola cada vez mais conectada, tecnológica e global. No Colégio Marista de Brasília, essa atualização se apoia em três frentes: a pedagogia da presença e do cuidado, a educação digital e a infraestrutura e a cidadania global e internacionalização.

“A tecnologia e a inovação são tratadas como suporte técnico e como ferramenta crítica e pedagógica integrada”, explica Irmão Bené, diretor institucional. A proposta inclui desde o uso consciente de inteligência artificial até a formação continuada dos professores, experiências internacionais,

ensino de inglês e atividades voltadas à liderança, empreendedorismo e resolução de problemas.

Mais do que incorporar novas ferramentas à rotina escolar, a perspectiva Marista busca ampliar o olhar sobre o que significa educar. “Educação integral significa desenvolver o estudante em todas as dimensões do ecossistema de ensino-aprendizagem Marista: cognitiva, socioemocional, física, cultural e espiritual”, afirma.

Na prática, esse conceito se traduz em experiências que vão além do currículo tradicional, como orientação de estudos, música, teatro, práticas esportivas, momentos de interioridade e espiritualidade e ações voltadas ao protagonismo, à autonomia e ao pensamento crítico. Para as famílias, a organização busca oferecer mais segurança, previsibilidade e participação na formação dos filhos. Assim, tecnologia, excelência acadêmica e inovação convivem com cuidado, valores e desenvolvimento humano em uma mesma proposta educativa.



Checklist em mãos

Da ventilação das salas ao comportamento dos alunos nos corredores, detalhes que costumam passar despercebidos ajudam a revelar como uma escola funciona quando a visita de apresentação termina

AMANDA S. FEITOZA

Sala ampla, quadra recém-reformada, laboratórios modernos e uma apresentação pedagógica bem ensaiada podem impressionar à primeira visita. Mas, antes de escolher a escola onde uma criança passará boa parte dos próximos anos, é preciso olhar para lugares menos óbvios: o banheiro que ela usará todos os dias, as janelas da sala de aula, o recreio, os corredores e até a maneira como um funcionário responde a um aluno que pede ajuda.

É nesses detalhes que parte do funcionamento real de uma instituição aparece. Para a administradora de empresas Letícia Carvalho, mãe de Lara, 5 anos, e Luca, 3, observar as relações foi tão importante quanto conhecer a estrutura. “Procuro observar o ambiente como um todo. Além da estrutura física, gosto de perceber como as crianças circulam pelos espaços, como os professores interagem com elas e qual é o clima da escola. Também observo se as crianças parecem felizes, seguras e respeitadas”, conta.

A lógica ajuda a explicar por que escolher uma escola exige mais do que comparar mensalidades, apostilas ou resultados acadêmicos. A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define competência como a mobilização não apenas de conhecimentos,

mas também de habilidades cognitivas e socioemocionais, atitudes e valores. Entre as competências gerais previstas para toda a educação básica estão autoconehecimento, empatia, cooperação, responsabilidade e cidadania.

No Distrito Federal, onde a Secretaria de Educação registra mais de 570 instituições privadas credenciadas, a quantidade de opções amplia a necessidade de comparação. A primeira providência, antes mesmo de avaliar metodologia ou estrutura, é verificar se a instituição está regularizada. A lista de escolas credenciadas pode ser consultada pela própria Secretaria de Educação.

“Esse é um cuidado básico, mas fundamental”, afirma a presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal (Sinepe-DF), Ana Elisa Dumont. Segundo ela, depois dessa checagem, entram na balança “proposta pedagógica, valores da instituição, formação da equipe, estrutura física, segurança, acessibilidade, formas de acompanhamento do aluno, canais de comunicação com as famílias, política de convivência e os custos envolvidos”.

Para Dumont, não existe uma escola perfeita para todas as crianças. “Existe aquela que melhor atende às necessidades da criança ou do adolescente e que está alinhada às expectativas e aos valores daquela família. Por isso,

Amanda S. Feitoza/CB/D.A Press



Letícia e Daniel Carvalho com os filhos, Lara e Lucas: conhecer rotina e ambiente é parte da escolha

“**Não existe uma escola ideal de maneira absoluta. Existe aquela que melhor atende às necessidades da criança ou do adolescente e que está alinhada às expectativas e aos valores da família**”

Ana Elisa Dumont,
presidente do Sinepe-DF

mais importante do que escolher pela fama ou pela indicação de terceiros é conhecer a escola, conversar com a equipe e comparar as opções com critérios objetivos.”

O poder da observação

É justamente a visita presencial que permite confrontar o discurso com o cotidiano. Talvez, uma das informações mais difíceis de

colocar em uma planilha comparativa seja o clima escolar. Ainda assim, ele pode ser determinante para a experiência da criança. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) de 2022, coordenado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), mostrou que 76% dos estudantes brasileiros de 15 anos disseram sentir que pertenciam à escola. Ao mesmo tempo, 27% afirmaram sentir solidão no ambiente escolar e 19% se percebiam como alguém de fora ou excluído.

Na hora da matrícula, portanto, os responsáveis podem perguntar quais são os procedimentos adotados em situações de bullying, agressão, discriminação, racismo, capacitismo ou violência digital; quem acolhe a criança; como os responsáveis são informados e de que forma a escola acompanha o caso depois da primeira intervenção. (leia mais nas páginas 26 a 32)

“Em vez de perguntar simplesmente se existem conflitos, é mais útil entender como a escola atua quando eles acontecem”, orienta Ana Elisa Dumont. “Os responsáveis devem perguntar quais são as ações de prevenção, os canais de acolhimento e os procedimentos adotados diante

de casos de bullying, violência ou discriminação.”

Conversar com outros responsáveis pode revelar aspectos que dificilmente aparecem na apresentação institucional: demora para responder a um problema, rotatividade de professores, comunicação em situações de conflito, excesso de tarefas ou diferenças entre o projeto apresentado e a rotina. Também vale saber como a equipe trabalha em conjunto.

Comunicação

A qualidade da comunicação costuma aparecer entre as preocupações depois que o estudante já está matriculado. Ela pode — e deve — ser investigada antes. “Uma boa relação começa com comunicação clara e respeito aos papéis de cada um”, afirma Dumont. “A família deve saber quais canais de contato estão disponíveis, como recebe informações sobre o desenvolvimento do estudante e a quem recorrer quando surge alguma questão.”

Antes da matrícula, vale descobrir se os pais conseguem falar diretamente com professores, se tudo precisa passar pela coordenação e como acidentes e conflitos são comunicados.



Escola Montessori aposta na autonomia como base da aprendizagem

Com 56 anos de atuação na capital, instituição une currículo pedagógico e desenvolvimento emocional para formar estudantes independentes e seguros de suas escolhas

Apresentado por



GABRIELLA COLLODETTI

Em uma trajetória de 56 anos dedicada à educação em Brasília, a Escola Montessori construiu uma proposta que entende o aprendizado como um processo que vai além dos conteúdos curriculares. Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II, a metodologia Montessori acompanha cada etapa do desenvolvimento dos estudantes, criando condições para que eles aprendam a fazer escolhas, assumam responsabilidades, desenvolvam o pensamento crítico e avancem com autonomia e segurança diante dos novos desafios da vida escolar.

De acordo com a diretora pedagógica Tânia Payne, o objetivo da instituição é promover uma educação integral. “Educar vai além da construção de conhecimentos acadêmicos. A escola participa da formação do estudante que aprende a pensar, fazer escolhas, assumir responsabilidades e se relacionar com o mundo de forma cada vez mais consciente”, explica. Na prática, isso significa criar condições para que o estudante aprenda os conteúdos e, ao mesmo tempo, desenvolva responsabilidade, capacidade de fazer escolhas, conviver, argumentar e compreender seu papel no mundo.

Na percepção de Tânia, formar um estudante não é apenas ensinar a ler, escrever, calcular ou



memorizar informações. Esses conhecimentos, segundo a diretora pedagógica, são indispensáveis, mas precisam fazer sentido e estar a serviço de uma formação maior. Dessa forma, a Escola Montessori aposta em construir uma base sólida para o estudante, permitindo que ele avance sem depender de alguém dizendo o que ele deve fazer, como fazer ou qual caminho seguir. “Quando essa base é construída desde os primeiros anos, o estudante desenvolve recursos para conduzir sua própria aprendizagem com cada vez mais autonomia. É uma construção que o acompanha ao longo da trajetória escolar e se estende para além dela”, reforça.

Para equilibrar excelência acadêmica e desenvolvimento emocional e social, a instituição aposta em um ensino guiado, onde o educador atua como alguém que observa, orienta, apresenta possibilidades e acompanha cada etapa do desenvolvimento do aluno. “O que permanece é a confiança no potencial de desenvolvimento de cada estudante e o compromisso

de oferecer as condições necessárias para que esse potencial possa se manifestar”, ressalta Tânia.

Ambiente preparado

Na Escola Montessori, o estudante é incentivado a aprender a organizar materiais, administrar melhor o tempo, fazer escolhas, avaliar caminhos, buscar soluções e pedir ajuda quando necessário. A instituição também considera fundamental a capacidade de concentração, a curiosidade, o pensamento crítico e a convivência respeitosa. Para isso, aposta-se em uma sala onde o ambiente de aprendizagem é ativo.

“Os estudantes não permanecem apenas esperando que o professor transmita uma informação. Eles trabalham, investigam, manipulam materiais, registram descobertas, trocam experiências e avançam progressivamente em suas aprendizagens”, explica Cleia Antunes, supervisora do Método.

Apesar de existir planejamento e currículo pedagógico, o que muda na instituição é a forma como

o estudante se relaciona com o conhecimento. Isso significa que o educador apresenta caminhos e acompanha o processo, mas também cria espaço para que o estudante pense, experimente e conquiste independência.

Para a família de Gabriel, 13 anos, e Marina, 7, ambos alunos da Escola Montessori desde os 18 meses, a escolha pela instituição aconteceu principalmente pelos valores. “Hoje o conteúdo está em todo lugar. O que não está acessível em qualquer lugar é aprender a ser gente”, afirma a mãe Mainara Teles Dourado. A busca era por uma escola que, além do desenvolvimento acadêmico, ensinasse cooperação, empatia, respeito e responsabilidade.

Essa educação integral, segundo os pais, aparece nas pequenas experiências do cotidiano. Aprender a se vestir, calçar os próprios sapatos, organizar a mochila, servir a própria água, guardar os materiais, limpar o que derramou e concluir o que começou são práticas que ajudam a construir autonomia desde cedo. “Ali ninguém faz pela

criança. Ninguém também deixa a criança sozinha. O adulto espera, observa e ajuda só no ponto exato em que é necessário”, relata.

Os efeitos dessa formação também ultrapassam os muros da escola. Em casa, os filhos passaram a cuidar do próprio espaço, resolver conflitos com palavras e oferecer ajuda espontaneamente. Para a família, é justamente nessa combinação entre aprendizagem, autonomia, convivência e acolhimento que a proposta de educação integral ganha sentido.

No caso de Gabriel, que é um estudante neurodivergente, essa caminhada teve um significado ainda mais especial: ao longo dos anos, ele desenvolveu formas mais autônomas de comunicar quando precisa de apoio e de lidar com mudanças na rotina. “Eu não queria que meus filhos fossem um número de matrícula dentro de uma turma de trinta. Eu queria que fossem reconhecidos como pessoas, respeitadas na sua forma de aprender, no seu ritmo, no seu jeito de ver o mundo”, acrescenta Mainara.

Mais do que acompanhar o estudante em seu percurso acadêmico, a escola busca oferecer condições para que ele se reconheça como sujeito ativo de sua própria aprendizagem e como parte de uma comunidade. É um processo contínuo, que respeita diferentes ritmos e trajetórias e que envolve educadores, estudantes e famílias. Ao final, a autonomia deixa de ser apenas uma habilidade a ser ensinada e passa a ser uma forma de estar no mundo: com responsabilidade, curiosidade, respeito ao outro e segurança para enfrentar o próximo passo.

Custos vão além da mensalidade

Responsáveis devem observar reajustes, descontos, multas e organizar gastos com material, uniforme, transporte, alimentação e atividades extracurriculares

GIOVANNA RODRIGUES

Escoger uma escola particular envolve muito mais do que comparar o valor das mensalidades. Proposta pedagógica, localização, horário das aulas, estrutura oferecida e adaptação da instituição às necessidades da criança também entram na decisão. Mas, para que a escolha seja sustentável ao longo do ano, a família precisa olhar com atenção para outro ponto: o custo total da educação.

A mensalidade é apenas uma parte dessa conta. Matrícula ou rematrícula, material didático, uniforme, transporte, alimentação, passeios, festas, atividades extracurriculares e eventuais serviços adicionais podem representar uma parcela significativa das despesas. Quando esses valores não são previstos, o orçamento familiar pode sofrer impactos inesperados, especialmente nos meses de início do ano letivo.

Para o professor Marilson Dantas, da Faculdade de Economia da Universidade de Brasília (Face/UnB), é necessário observar o conjunto de serviços oferecidos e calcular quanto a instituição custará ao longo de um ano. “Uma escola pode ter mensalidade mais alta, mas oferecer alimentação, atividades, estrutura ou uma carga horária maior. Outra pode apresentar um valor inicial mais baixo, mas cobrar separadamente por vários serviços”, alerta. Por isso, a família deve levantar todos os gastos previsíveis com a educação e, depois, avaliar o impacto dessa soma sobre a renda disponível.

A mesma orientação é feita pelo especialista em finanças Hullisses Dias, formado pela



Uma escola pode ter mensalidade mais alta, mas oferecer alimentação, atividades, estrutura ou uma carga horária maior. Outra pode apresentar um valor inicial mais baixo, mas cobrar separadamente por vários serviços”

Marilson Dantas,
professor da Faculdade de Economia da Universidade de Brasília (Face/UnB)

Universidade de Sorbonne. Para ele, o primeiro passo é abandonar o “achismo” e analisar a renda líquida mensal da família, considerando quanto pode ser destinado à educação sem comprometer despesas essenciais, como moradia, saúde e investimentos.

Dias afirma que os gastos com educação podem representar entre 20% e 30% do orçamento total da família. O percentual, porém, não deve ser tratado como uma regra universal: cada casa tem uma realidade, despesas fixas e prioridades diferentes.

Despesas adicionais

Na hora de fazer as contas, alguns gastos acabam ficando fora do planejamento. O material

Arquivo pessoal



Juliana se planeja mensalmente pensando em gastos com o ensino dos filhos Heitor, 10, e Pedro, 8

escolar costuma aparecer logo no início do ano, mas despesas menores, recorrentes ou imprevisíveis, podem pesar. A pedagoga Juliana Melo é mãe de Heitor, 10 anos, e Pedro, 8, ambos estudando em escola particular. Ela conta que costuma organizar o valor das mensalidades mês a mês, mas precisa reservar espaço para as despesas que surgem durante o ano. “É uniforme que rasga, é um casaco que some, é um tênis que fica pequeno do nada, é uniforme extra de futsal. Essas coisas vão acontecendo”, relata.

Segundo Juliana, o lanche é uma das despesas mais difíceis de prever. Passeios e eventos exigem

atenção, pois são gastos que nem sempre são informados previamente. O transporte para atividades fora da escola é outro item que pode passar despercebido. Caso a criança faça esporte, reforço escolar ou outra atividade, a família precisa considerar mensalidade, deslocamento e quem ficará responsável por levar e buscar.

Para Dias, a melhor maneira de evitar sustos é calcular as despesas sazonais e dividir o total por 12. Assim, a família pode separar mensalmente uma quantia para gastos que não aparecem todos os meses. “Preparando-se assim, quando a despesa chegar, o dinheiro já estará separado.”

A lógica também vale para o transporte. Quem leva a criança de carro deve considerar não apenas o combustível, mas também estacionamento e desgaste do veículo. No caso de van escolar ou transporte público, é importante calcular o custo previsto para todo o ano letivo.

Hullisses também explica que a alimentação deve ser levada em conta, mesmo que seja incluída nas compras do mês. “Levar o lanche de casa ou comprar a alimentação na cantina pode gerar custos bastante diferentes”, justifica.

» Leia mais na página 8



COLÉGIO
OLIMPO
FORMANDO ALUNOS QUE VÃO ALÉM

Os resultados nas Olimpíadas também se refletiram nos vestibulares. Nos últimos 10 anos, conquistamos:

+28mil

APROVAÇÕES

353

APROVAÇÕES
IME/ITA

+4.500

APROVAÇÕES
EM MEDICINA

Há mais de 20 anos, o Olimpo alia conhecimento, acompanhamento próximo e desenvolvimento humano para impulsionar os sonhos e objetivos de cada estudante.

Uma formação que estimula a autonomia, a curiosidade e o desenvolvimento de talentos, preparando nossos alunos para os desafios da universidade e da vida.

UM PROJETO PEDAGÓGICO PENSADO PARA O FUTURO

Nosso Programa de Olimpíadas Científicas prepara estudantes do Ensino Fundamental e Médio para as principais olimpíadas do conhecimento do país, oferecendo preparação e acompanhamento para que nossos alunos desenvolvam seus conhecimentos e talentos.

Em 2025, 731 estudantes do Olimpo conquistaram 1.003 medalhas em Olimpíadas Nacionais do Conhecimento.

Neste ano, 253 estudantes foram classificados para a OBMEP.

Nas Olimpíadas Científicas, conhecimento e preparação se transformam em conquistas e novas oportunidades acadêmicas. Em 2025, USP, Unicamp e Unesp ofertaram mais de 250 vagas diretas para estudantes medalhistas.



@olimpobrasilia



olimpodf.com.br



(61) 9254-2392





De olho no contrato

Antes de fechar com o colégio, é importante ler o contrato completo e ficar atento a possíveis cláusulas abusivas

GIOVANNA RODRIGUES

Além do planejamento financeiro, a matrícula na escola exige uma leitura cuidadosa do contrato. A relação entre a família e a escola é considerada de consumo, por isso as regras do Código de Defesa do Consumidor também se aplicam. A advogada especialista em direito do consumidor Nayane Santos, do escritório Marcos Inácio Advogados, explica que é necessário atenção às entrelinhas e que cláusulas que colocam o responsável em desvantagem exagerada, violam a boa-fé ou retiram direitos básicos podem ser consideradas abusivas.

Entre os pontos que merecem atenção estão as regras para cancelamento, transferência, concessão e perda de descontos, reajustes, multas e possíveis alterações unilaterais de valores ou serviços. A advogada recomenda que os responsáveis leiam o contrato antes da assinatura e questionem os trechos que não compreenderem. Embora muitos documentos sejam padronizados, é possível pedir esclarecimentos e negociar alterações antes de formalizar a matrícula.

Nayane ressalta que, mesmo que o documento tenha sido assinado, uma cláusula abusiva não se torna válida automaticamente. “O fato de ter sido assinada não valida a ilegalidade; a nulidade pode ser alegada a qualquer momento perante a própria escola, os órgãos de defesa do consumidor ou o Poder Judiciário”, explica.

Condições especiais

Bolsas, descontos para irmãos, convênios e condições especiais podem fazer diferença no orçamento, mas precisam ser analisados com cuidado. O responsável deve verificar se o benefício é permanente ou temporário, quais são os critérios para sua manutenção e em quais situações pode ser suspenso.

No caso de famílias com mais de um filho, vale perguntar se existe desconto para irmãos e como ele é aplicado. Também é importante entender se o abatimento incide sobre todas as parcelas, apenas sobre a mensalidade ou sobre algum serviço específico.

Segundo o diretor-geral do Procon, Johnatan Faraj, os reajustes nas mensalidades estão entre os motivos mais frequentes de dúvidas e reclamações dos consumidores. De acordo com ele, os conflitos costumam surgir quando a escola comunica um aumento sem apresentar informações claras sobre sua justificativa ou quando o contrato não detalha adequadamente as condições de cobrança.

A legislação estabelece que o valor contratado para a anuidade ou semestralidade deve observar a periodicidade prevista em lei. Cláusulas que permitam reajustes em intervalo inferior a 12 meses podem ser consideradas nulas. A instituição também deve informar previamente as condições financeiras da contratação.

Na ponta do lápis

Preencha o quadro e faça uma estimativa do gasto mensal fixo com educação

	Mensalidade	
	Transporte	
	Lanche	
	Passeios e atividades extras	
	Uniforme	
	Material de uso pessoal	
	Taxas extras (inglês, contraturno etc)	
CUSTO TOTAL MENSAL		



A nulidade (de cláusula abusiva) pode ser alegada a qualquer momento perante a própria escola, os órgãos de defesa do consumidor ou o Poder Judiciário”

Nayane Santos,
advogada especialista em direito do consumidor

Margem de segurança

Hulisses Dias, especialista em finanças formado pela Universidade de Sorbonne, na França, recomenda que as famílias considerem possíveis aumentos no

planejamento do ano seguinte e trabalhem com uma margem de segurança. Ele sugere uma reserva aproximada de 5% a 8% para reajustes futuros, sem deixar de acompanhar as informações fornecidas pela escola. Cobranças adicionais não são necessariamente proibidas. A questão principal é entender sua natureza, verificar se estão previstas no contrato e saber se são obrigatórias ou facultativas.

Segundo o Procon, atividades como passeios podem ser cobradas quando são opcionais, mas não devem ser impostas como condição para participação escolar, vinculadas a notas ou usadas como forma de punição. Já serviços regulares que fazem parte da proposta da instituição, como o ensino bilíngue obrigatório, podem ter cobrança própria, desde que isso seja informado previamente aos responsáveis.

O mesmo cuidado deve ser aplicado a atividades de

período integral, contraturno, alimentação, cursos, eventos e outros serviços. A família precisa saber o que está incluído na mensalidade e o que será cobrado à parte. Em relação aos materiais, os responsáveis devem ter liberdade para pesquisar preços e escolher onde comprar os itens, ressalvadas situações específicas, como determinados livros didáticos.

O planejamento deve começar antes da matrícula. Hulisses recomenda que a família faça essa análise entre seis e 12 meses antes do início do ano letivo. Assim, há tempo para pesquisar instituições, negociar condições, montar uma reserva e avaliar alternativas. Se o custo da escola começar a comprometer despesas essenciais, o especialista aconselha revisar o orçamento, reduzir gastos não prioritários e conversar com a instituição sobre possibilidades de negociação, descontos ou bolsas.

Eu crio meu

futuro

com o Sesi



Matrículas abertas

[SESIDF.ORG.BR](https://sesidf.org.br)

SAC/OUVIDORIA
0800 123 6565



• ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS • ENSINO MÉDIO

SESi 80
anos



Para dar match: a pedagogia ideal

Entender a proposta pedagógica da escola ajuda a família a escolher uma instituição alinhada aos valores e às necessidades da criança

GIOVANNA RODRIGUES

Escoger uma escola vai muito além de comparar mensalidades, localização e estrutura. Antes de tomar a decisão, os pais também precisam entender como a instituição enxerga a criança, a aprendizagem e o próprio papel da escola. É nesse ponto que entram as diferentes linhas e abordagens pedagógicas, que podem influenciar desde a forma como

o aluno é alfabetizado até a maneira como são tratadas a disciplina, as brincadeiras, as avaliações e a autonomia.

Para que seja possível encontrar esse “match”, é necessário entender as principais propostas encontradas. A ideia não é apontar qual é a melhor, mas mostrar as diferenças para que os pais consigam identificar o que faz sentido para os valores da família e para o momento de desenvolvimento dos filhos.



LINHAS OU CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

Escola tradicional

É um modelo de ensino focado na transmissão vertical de conteúdos, no qual o professor ocupa o papel central e o aluno atua como receptor passivo. Nesse modelo, o papel do professor é de autoridade máxima e detentor do conhecimento que conduz as aulas expositivas, enquanto o aluno tem o papel de absorver as informações e os conceitos. A avaliação é baseada em provas e notas para medir a reprodução do conteúdo ensinado. As vantagens desse método residem na organização estruturada do currículo, universalização de saberes básicos e forte incentivo à disciplina e ao hábito de estudo. As críticas comuns, porém, são ao pouco estímulo ao pensamento crítico e à criatividade, excesso de ênfase na memorização em detrimento da aplicação prática.

Escola construtivista

Baseia-se em um ensino no qual o aluno constrói o próprio conhecimento de forma ativa, por meio de experiências, experimentos e reflexões, em vez de apenas memorizar o que o professor transmite. Nesse modelo, o professor representa o papel de facilitador, orientando e

desafiando os alunos. Com isso, o estudante assume uma postura ativa, sendo incentivado a pesquisar, questionar e experimentar, aprendendo do ponto de vista cognitivo. Nesse modelo, a avaliação é um processo contínuo, formativo e diário, que analisa a evolução do aluno em vez de focar apenas em notas de provas tradicionais. O erro não é visto como falha ou punição, mas como um sinal de em qual etapa do raciocínio o estudante está. A vantagem desse método é colocar o aluno como protagonista do próprio aprendizado. É necessário, porém, ter também a estrutura física adequada.

Escola sociointeracionista

A escola sociointeracionista é uma abordagem educacional baseada na teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky, na qual o aprendizado ocorre principalmente por meio da interação social e do contato com o meio ambiente e outras pessoas. O docente atua como um mediador ou facilitador, criando situações que estimulam o desafio e o desenvolvimento. Já o estudante é um agente ativo na construção do próprio conhecimento, fugindo do papel de receptor passivo. A principal vantagem desse método é colocar o aluno no protagonismo do aprendizado, utilizado a interação social e o contexto cultural como motores para construir o conhecimento.

ABORDAGENS E METODOLOGIAS

Método Montessori

É uma abordagem educacional centrada na criança que prioriza a autonomia, independência e aprendizagem a partir da exploração e de materiais específicos. O professor atua mais como guia, e o ambiente é organizado para favorecer a autonomia do aluno.

Método Waldorf

Busca o desenvolvimento integral do ser humano em seus aspectos físico, emocional, intelectual e artístico, com forte presença de atividades de arte, corporais, imaginativas e práticas. O professor atua como um guia, tutor e referência, responsável por acompanhar o desenvolvimento integral dos alunos.

Método Reggio Emilia

A abordagem Reggio Emilia é uma filosofia educacional voltada para a primeira infância que coloca a criança como protagonista da aprendizagem e valoriza a investigação, a expressão por diferentes linguagens e a participação da família. O ambiente também é considerado parte importante do processo educativo. O professor atua como um pesquisador, observador atento e mediador, com o aluno como protagonista. Assim como no método montessoriano, essa

abordagem tem a possibilidade de seguir por estudo confessional, sob as mesmas regras de clareza e currículo.

Método Freinet

O método Freinet é uma abordagem educacional que coloca o aluno como protagonista por meio da autonomia, da cooperação e do aprendizado prático. O método busca trazer a vida real para dentro de sala de aula, rompendo com métodos de memorização. A prática se baseia em quatro pilares fundamentais: livre expressão, autonomia, cooperação e trabalho. A avaliação dispensa provas e testes tradicionais, com o professor atuando como um organizador e mediador, frente à autonomia do estudante.

Método Pikler

A metodologia pedagógica Pikler é uma linha educacional infantil focada em bebês de até 3 anos, criada pela pediatra Emmi Pikler. A abordagem preza pelo respeito ao desenvolvimento natural da criança, com foco na autonomia e na liberdade de movimentos. Os pontos essenciais desse método são os cuidados físicos e afetivos com as crianças, valorizando momentos de vínculo. Nesse contexto, o bebê descobre as capacidades motoras no próprio ritmo, sem interferência direta de um adulto, escolhendo como e com o que brincar.



Brasília, domingo, 27 de setembro de 2026 • CORREIO BRAZILIENSE 11

Leonardo da Vinci alia tradição e inovação há quase 60 anos no DF

Instituição figura entre as seis melhores do Centro-Oeste no Enem 2025 e aposta em projetos autorais, tecnologia e preparação contínua para o Ensino Médio

Apresentado por

LEONARDO DAVINCI

GABRIELLA COLLODETTI

Há mais de meio século, o Centro Educacional Leonardo da Vinci constrói em Brasília uma trajetória marcada pela excelência acadêmica, pela formação integral e pela capacidade de se reinventar diante dos desafios de cada geração. Fundada em 1969, a instituição consolidou uma identidade que combina tradição e protagonismo, mantendo princípios como ética, responsabilidade social e ambiental e, ao mesmo tempo, incorporando inovação e novas formas de ensinar e aprender.

“O Leonardo da Vinci preserva seus valores porque entende a tradição não como imobilidade, mas como uma base sólida para construir o novo. Desde a sua origem, quando um grupo de jovens professores iniciou a escola em uma pequena sala, a instituição mantém como pilares a ética, o respeito às pessoas, a excelência pedagógica e a compreensão da educação como instrumento de transformação. Ao mesmo tempo, a escola acompanha as mudanças da sociedade, do mundo e das famílias”, informa Michelle Manzur, diretora-executiva da instituição.

Essa trajetória se traduz em indicadores que colocam o Leonardo da Vinci entre as instituições de ensino de maior destaque do país.

Do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, a escola alia um projeto pedagógico voltado ao desenvolvimento de competências acadêmicas e socioemocionais a uma comunidade escolar que valoriza o conhecimento, a autonomia e o pensamento crítico. O resultado é uma formação que prepara os estudantes não apenas para os desafios das avaliações e do ingresso no ensino superior, mas também para atuar de maneira ética, criativa e responsável em uma sociedade em constante transformação.

Os números do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em 2025, reforçam a solidez desse caminho. Considerando as instituições com mais de 100 estudantes, o Leonardo da Vinci está entre as três escolas com maiores médias do Distrito Federal e entre as seis melhores do Centro-Oeste. O desempenho também se destaca na redação: a proporção de estudantes que alcançaram mais de 900 pontos foi cinco vezes superior à média nacional, evidenciando uma formação que alia consistência acadêmica à busca permanente por novos patamares de excelência.

“Para a escola, esses números refletem a integração entre currículo, acompanhamento pedagógico, dedicação dos estudantes, participação das famílias e trabalho dos professores. Eles também reforçam uma característica essencial do Leonardo: a busca por resultados acadêmicos sem separar desempenho, formação humana, acolhimento e construção de projetos de vida”, indica Michelle.

A instituição construiu, ao



longo do tempo, uma estrutura de gestão e de acompanhamento pedagógico que permite identificar avanços, dificuldades e oportunidades de melhoria. Esse trabalho é apoiado por simulados, avaliações, mentorias, orientação aos estudantes, propostas específicas para diferentes objetivos e integração entre as equipes.

“O crescimento no Enem traduz, portanto, a capacidade de aperfeiçoar processos sem perder a identidade. É a consequência de uma escola que acompanha de perto o ensino e a aprendizagem e que trabalha para que cada estudante avance a partir de seu próprio ponto de partida”, acrescenta. Para a diretora-executiva, a evolução é resultado de um processo contínuo, e não de uma ação isolada.

“Na verdade, nunca é resultado de um movimento individual, mas de uma série de fatores que acompanham a escola há quase 60 anos”, afirma.

Potencializando o ensino

Programas como o Da Vinci Bilíngue, o Da Vinci Integral, o programa socioemocional Para Ser +, a Jornada Tech, as Olimpíadas do Conhecimento, a ONUVINCI, a Turma MED e a Jornada Vinci Saúde compõem o conjunto de iniciativas que sustentam a proposta educacional da instituição. “O Leonardo mantém a consistência de seus fundamentos, mas amplia as possibilidades de aprendizagem para responder aos desafios do presente e do futuro”, afirma a diretora-executiva.

Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, esse cuidado se manifesta desde os primeiros passos da alfabetização e do letramento matemático. Fundamentada nos princípios teóricos da Psicogênese da Escrita, a proposta de alfabetização do Leonardo da Vinci coloca o estudante como protagonista do próprio processo de leitura e escrita, oferecendo interações significativas com diferentes tipos de textos para que compreenda sua função social — produzindo textos, reescrevendo histórias e refletindo sobre a própria produção a partir de um repertório previamente explorado.

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, o trabalho pedagógico se amplia com projetos autorais, investigação científica, tecnologia, debates, atividades interdisciplinares e iniciativas como a ONUVINCI e as Olimpíadas do Conhecimento. Já no Ensino Médio, a preparação ganha maior intencionalidade, com produção frequente de textos, redações cronometradas, análise de repertórios, acompanhamento individual e devolutivas dos professores.

Ao completar quase seis décadas de atuação em Brasília, o Leonardo da Vinci reforça que sua proposta pedagógica segue ancorada na mesma premissa que orientou sua fundação: unir rigor acadêmico e cuidado humano. Entre projetos autorais, imersões tecnológicas e uma preparação contínua para os desafios do Ensino Médio, a escola aposta em formar não apenas bons alunos, mas cidadãos preparados para pensar, argumentar e agir com responsabilidade diante dos desafios do mundo.



Bilíngue desde a infância

Maria Cecília Marques de Sousa

A aprendizagem em dois idiomas, português e inglês, abre portas para diversas oportunidades pelo mundo

ANA MILETTI*

Em um mundo globalizado, o multilinguismo torna-se peça fundamental. O crescimento acelerado da procura por escolas bilíngues no Brasil tem transformado o cenário educacional, impulsionado por pais que buscam a fluência em outro idioma desde a infância como um passaporte para o futuro. Mais do que o domínio de uma nova língua, essas instituições desafiam o modelo tradicional de ensino ao integrar a imersão cultural e o pensamento crítico no cotidiano dos alunos, levantando debates sobre os limites entre a inovação pedagógica e a exclusão socioeconômica.

A neuropsicopedagoga Silvia Bosi explica como a introdução linguística age no cérebro. “A exposição bilíngue pode favorecer adaptações funcionais e estruturais no cérebro, influenciadas pela idade de aquisição, frequência de uso e proficiência em cada língua. Como os dois idiomas permanecem ativos, o cérebro precisa selecionar qual utilizar, e controlar possíveis interferências. Esse processo mobiliza, também, regiões relacionadas à atenção e ao controle cognitivo.”

Para que uma instituição de ensino seja declaradamente bilíngue, há uma série de critérios regulamentados pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) a serem seguidos. A principal norma



Mateus, João Gabriel e Antônio: inseridos no ensino bilíngue desde a primeira infância

é que a língua estrangeira não seja apenas uma disciplina isolada, mas sim, o veículo de instrução para ensinar outras matérias do currículo nacional.

Dessa forma, uma carga horária mínima na língua adicional deve corresponder a uma porcentagem específica da grade curricular obrigatória. Na educação infantil e no ensino fundamental, entre 30% e 50% do tempo de instrução deve ser dedicado ao outro idioma. Já no ensino médio, a carga horária deve ser de, no mínimo, 20%. Vale reforçar que instituições que oferecem apenas o inglês no contraturno ou têm carga horária estendida — sem aulas de outras disciplinas na língua — são classificadas como escolas com programa bilíngue, e não escolas bilíngues.

Diploma duplo

Maria Dias, diretora da unidade do Lago Sul da Heavenly International School, explica que a progressão acontece como em uma escola monolíngue: com

o avançar dos anos, aumenta a complexidade dos textos e das atividades aplicadas. A diferença é que, além de saírem com os conhecimentos consolidados, os estudantes aprendem a pensar em outro idioma. “O aluno precisa estar preparado para utilizar o inglês em contextos acadêmicos e internacionais, mas também ter uma formação sólida nos componentes e habilidades exigidos pela BNCC e pelos processos seletivos brasileiros, como Enem, PAS e vestibulares”, reitera Maria.

Guizilla Lyrio, diretora da unidade da Asa Norte, esclarece como é feito o processo de integração do idioma. “A escola cumpre integralmente os conteúdos, competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), articulando-os ao currículo de inglês do International Curriculum Association (ICA), em uma proposta curricular integrada e cuidadosamente planejada.” Os estudantes podem ainda sair com um diploma duplo e certificado de proficiência.

Como ajudar em casa?

Exposição diária ao inglês

Consumo de filmes, séries, vídeos e músicas no idioma.

Leitura e escrita

Livros, histórias, revistas e pequenos registros em inglês, de acordo com a faixa etária.

Jogos e atividades interativas

Uso de aplicativos, jogos educativos e recursos digitais.

Inglês na rotina

Utilização do idioma em situações cotidianas, como nomear objetos, fazer listas de compras ou seguir uma receita.

Atividades em família

Leitura conjunta, jogos de palavras e momentos de interação em inglês.

Fonte: Guizilla Lyrio, diretora da unidade Lago Sul da Heavenly

Foi sob essa ótica que a arquiteta Mayara Cavalcante, 38 anos, e o servidor público Pedro Cavalcante, 40, decidiram matricular os filhos — Mateus, Antônio e João Gabriel de Azevedo, de 3, 4 e 6 anos, respectivamente — na instituição. “Estávamos procurando algo assim, para sair desse formato de cursinho de inglês. Quando o aprendizado acontece desde o começo, a tendência é de que seja algo mais natural. Vejo que a língua abre portas para diversas oportunidades”, afirma o pai sobre a escolha.

A mãe acrescenta que ver os filhos dominando a língua gera uma surpresa gratificante: “Vemos eles cantando, brincando e orando em inglês por conta própria. Isso é muito emocionante”.

Iniciar esse processo na infância, como fizeram Mayara e Pedro, é importante, mas não é uma limitação para quem começa mais tarde. “A primeira infância apresenta maior plasticidade cerebral e pode favorecer a aquisição mais espontânea dos sons, da pronúncia e das estruturas linguísticas. Entretanto, uma segunda língua pode ser aprendida em qualquer idade”, esclarece a neuropsicopedagoga Silvia Bosi.

A escola oferece acolhimento para os alunos novatos na escola e na língua. “Alunos que chegam com pouca ou nenhuma experiência em inglês podem precisar de estratégias específicas de suporte linguístico. Isso não significa separá-los dos demais ou esperar que alcancem determinado nível para participar das aulas. A integração acontece desde o início, com recursos como apoio visual, contextualização e adaptação da linguagem — suportes temporários que vão sendo retirados à medida que o aluno ganha autonomia”, conclui Maria.

* **Estagiária sob supervisão de Sibele Negromonte**



ALÉM DE CONTAR HISTÓRIAS, contar com OS OUTROS.

Da educação infantil
ao ensino médio

Agende sua visita

702 - Asa Norte
☎ **(61) 3031-5000**



**Formação humana
e sucesso acadêmico.**



Rede Sagrado
**COLÉGIO SAGRADO
CORACÃO DE MARIA**
Sacré-Coeur de Marie



Entre aprender e brincar

Da contação de histórias aos jogos com letras e sons, atividades da infância também podem preparar o caminho para a leitura e a escrita

GIOVANNA RODRIGUES

Na infância, aprender a ler e escrever nem sempre se inicia diante de um papel com letras; pode começar também com histórias contadas antes de dormir, canções, blocos de montar, texturas e cores. Antes de reconhecer todas as letras ou escrever as primeiras palavras, os pequenos constroem conhecimentos com as vivências do dia a dia e, até mesmo, com as brincadeiras.

Para a professora Eusiléa Pimenta Roquete Severiano, coordenadora do curso de pedagogia do Uniceplac, no “aprender brincando” a criança assimila enquanto explora, imagina, conversa, interage e socializa. Nesse contexto, segundo ela, a brincadeira não deve ser entendida apenas como um intervalo entre as atividades consideradas “sérias”. “No faz de conta, a criança pode trabalhar linguagem, contagem, negociação de regras e resolução de problemas”, exemplifica.

A pesquisadora explica que diversas habilidades podem ser desenvolvidas nesse entremeio. Histórias, rimas e brincadeiras de faz de conta ajudam no desenvolvimento da linguagem e do vocabulário. Jogos de memória e atividades que envolvem sequências podem estimular atenção e memória. Desenhos, modelagem, blocos e atividades de coordenação contribuem para o desenvolvimento

Ed Alves/CB/D.A Press



Theo com a avó Dalila e o pai, Luís Felipe Gentil: escolha ultrapassou gerações

motor. Dentro da escola, cabe ao professor preparar um ambiente rico, observar as crianças e intervir quando necessário, sem transformar cada momento em uma atividade rígida.

Nesse contexto, a professora Paula Cobucci, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), explica que é importante diferenciar alfabetização e letramento. Enquanto a alfabetização envolve a apropriação do sistema de escrita alfabética, o letramento está relacionado à participação em situações sociais que envolvem leitura e escrita. “As duas coisas precisam caminhar juntas. A criança pode aprender de forma explícita como funciona o sistema de escrita, ao mesmo tempo em que entende para que a leitura e a escrita servem no cotidiano.”

Para esse processo funcionar, o primeiro passo é entender que, para a criança nessa fase, brincar é uma das principais formas de aprender. “É claro que ela também precisa aprender gradualmente que existem diferentes

momentos: brincar livremente, ouvir uma história, participar de uma atividade coletiva, realizar uma tarefa que exige atenção, guardar materiais, esperar sua vez. Isso faz parte da construção da autonomia e da vida em grupo”, explica Paula. “À medida que cresce, também é importante descobrir que nem toda aprendizagem será imediatamente divertida. Há momentos de esforço, treino e persistência.”

É justamente nesse ponto que aparece uma diferença importante para os pais: uma escola pode ser lúdica sem abrir mão do ensino. Na educação infantil, o contato com letras, sons, livros e histórias pode acontecer de maneira significativa, sem que a criança seja submetida à mesma rotina de exercícios de um aluno do ensino fundamental.

Paula explica que apresentar letras não significa, por si só, alfabetizar precocemente. Reconhecer a inicial do próprio nome, procurar palavras que começam com determinado som ou montar nomes

com letras móveis são experiências possíveis para crianças pequenas. O problema aparece quando esse contato se transforma em treinamento mecânico, cobrança de desempenho ou antecipação de um currículo mais avançado.

O dia a dia

A orientadora da educação infantil da Escola Montessori, Mara Rúbia, explica que, no método pedagógico que leva o nome da instituição, o processo de alfabetização é trabalhado de maneira gradual. Antes de chegar à escrita convencional, as crianças passam por atividades voltadas para coordenação motora fina, percepção auditiva, ampliação do vocabulário, concentração e autonomia. Materiais sensoriais, como as letras de lixa, ajudam a associar o símbolo gráfico ao som por meio da visão e do tato.

Na rotina da escola, as crianças têm momentos de trabalho individual, nos quais podem escolher entre diferentes áreas, como linguagem, matemática, educação

cósmica, educação sensorial e vida prática, com materiais já prontos, pensados para desenvolver certas habilidades.

Também há uma distinção entre o brincar livre e o trabalho realizado com os materiais pedagógicos, e a escola mantém momentos de descanso e recreio, principalmente em espaços externos, enquanto dentro da sala os materiais concretos e lúdicos fazem parte das atividades de aprendizagem.

Em sala de aula, o professor circula, observa e apresenta materiais individualmente ou em pequenos grupos. A observação, segundo Mara, é fundamental para entender o que está por trás de uma determinada ação da criança. “Às vezes, a criança está manipulando um material e descobrindo uma coisa que a gente nem tinha pensado”, conta.

Na família de Theo, 9 anos, a relação com a escola começou em outra geração. O pai, Luís Felipe Gentil, estudou ali durante a infância e guardou uma experiência positiva do período. A avó Dalila Gentil, por sua vez, conta que escolheu a escola para os filhos depois de ouvir sobre o método de ensino e se interessou pela proposta de estimular a independência das crianças.

Ao visitar a escola pela primeira vez, encantou-se pela forma lúdica de apresentar conhecimentos básicos como matemática, português e ciências. “Além de dar uma certa liberdade para as crianças escolherem o que trabalhar, existe um respeito ao ritmo de aprendizado”, diz.

Theo entrou na escola por volta dos 2 anos, e, ao longo do tempo, Luís vem acompanhando de perto o dia a dia escolar do filho. Para ele, uma das diferenças percebidas na metodologia está na maneira como o conteúdo é apresentado. “Eu vejo que é uma coisa mais interativa. Não é aquela coisa de decorar, ler e fazer prova”, afirma.



Brasília, domingo, 27 de setembro de 2026 • CORREIO BRAZILIENSE 15

Educação bilíngue e experiências internacionais para formar cidadãos globais

SIS Swiss International School combina tradição educacional suíça, currículo brasileiro e uma proposta internacional que acompanha o aluno ao longo de toda a sua trajetória escolar

Apresentado por



Em um mundo cada vez mais conectado, preparar crianças e jovens para diferentes contextos e culturas é um dos desafios da educação. Mais do que transmitir conhecimento, a escola tem o papel de desenvolver autonomia, pensamento crítico e confiança para que os estudantes possam construir seus próprios caminhos. Em Brasília, a SIS Swiss International School reúne esses elementos em uma proposta que combina educação bilíngue, currículo brasileiro, experiência internacional e tradição educacional suíça.

Localizada na Asa Sul (SGAS 905), a escola integra o Grupo SIS, que conta com unidades no Brasil e na Europa, e faz parte do Grupo Klett, um dos mais tradicionais grupos educacionais privados da Europa, com mais de 125 anos de atuação. Essa presença internacional permite à SIS unir a experiência de um grupo educacional com atuação em diferentes países à compreensão das particularidades da educação brasileira.

Um dos pilares da proposta educacional é o bilinguismo. Na SIS, português e inglês ocupam espaços equivalentes na rotina escolar: 50% das aulas são

ministradas em inglês e 50% em português, e os conteúdos da formação geral básica são trabalhados nos dois idiomas.

“Somos uma escola que valoriza igualmente o desenvolvimento do português e do inglês. Não se trata apenas de aprender uma segunda língua, mas de utilizar os dois idiomas como ferramentas para aprender, se comunicar e construir conhecimento”, explica Henrick Oprea, diretor da SIS Swiss International School Brasília.

A experiência com diferentes idiomas se amplia ao longo da vida escolar. A partir do 3º ano do Ensino Fundamental, os estudantes passam a ter contato com o alemão, que acompanha sua formação até o final do Ensino Médio. O francês também integra a grade curricular do 6º ao 9º ano.

Uma educação que amplia horizontes

A dimensão internacional também faz parte das experiências vivenciadas pelos alunos. A conexão com um grupo educacional presente em diferentes países possibilita o contato com outras culturas, perspectivas e formas de aprender, ampliando o repertório dos estudantes ao longo de sua trajetória.

Essa perspectiva internacional está presente também na proposta pedagógica da escola, que adota os programas do International Baccalaureate (IB).



Em Brasília, a SIS oferece os três programas que compõem uma jornada contínua: o Primary Years Programme (PYP), voltado à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental; o Middle Years Programme (MYP), para os anos finais do Ensino Fundamental e o início do Ensino Médio; e o Diploma Programme (DP), destinado aos dois últimos anos do Ensino Médio.

A continuidade entre os programas permite que o estudante encontre uma proposta pedagógica que se desenvolve de forma progressiva ao longo das diferentes etapas escolares.

“Quando existe uma continuidade na proposta educacional, o estudante consegue compreender melhor seu próprio processo de aprendizagem e assumir gradualmente mais responsabilidade por ele. Isso contribui para que as transições entre as diferentes etapas sejam mais naturais”, destaca Henrick.

Aprender e crescer

Na SIS, a escola é também um espaço de convivência, descobertas e desenvolvimento. Em

um ambiente estável, no qual se sentem seguros e, ao mesmo tempo, desafiados, os alunos são estimulados a aprender e crescer em diferentes dimensões.

No dia a dia, aprender, brincar e trabalhar em conjunto também são oportunidades para desenvolver habilidades que vão além dos conteúdos acadêmicos. Ao conviver com os colegas, os estudantes aprendem a compartilhar, a expressar suas ideias com assertividade e a reconhecer suas próprias conquistas.

Nesse processo, o protagonismo do aluno na investigação e na reflexão ocupa um papel central. A proposta é estimular uma participação cada vez mais ativa na construção do conhecimento e no próprio processo de aprendizagem.

“Os alunos vivenciam uma imersão natural no inglês diariamente, se expressando e construindo autonomia em um ambiente preparado para o seu melhor desenvolvimento. Ao longo dos anos, essa jornada se aprofunda. Como uma escola IB Continuum, acompanhamos nossos alunos em todas as etapas, com

foco em excelência acadêmica, criatividade e pensamento crítico, para que se sintam confiantes como cidadãos globais prontos para o mundo”, afirma Henrick.

Uma jornada em constante evolução

A construção dessa proposta passa também pelo desenvolvimento contínuo dos profissionais que fazem parte da escola. Para os próximos anos, a SIS Swiss International School mantém como foco a qualidade de ensino e a formação continuada de sua equipe.

Entre as iniciativas estão os dias de desenvolvimento profissional com professores das escolas da SIS no Brasil e o trabalho contínuo de consolidação dos currículos de leitura, escrita e tecnologia, aplicados nas unidades do Grupo SIS.

“A ideia é continuar a aprimorar elementos que já temos, como nossos dias de desenvolvimento profissional com todos os professores das escolas da SIS no Brasil, a consolidação de nossos currículos de leitura, escrita e tecnologia — que são aplicados em todas as escolas da SIS — e o aprofundamento na exploração de oportunidades para que nossos estudantes avancem cada vez mais”, comenta Henrick.

Ao combinar a tradição educacional suíça com uma formação bilíngue, uma perspectiva internacional e uma proposta pedagógica que valoriza autonomia, criatividade e pensamento crítico, a SIS Swiss International School busca acompanhar cada aluno em sua trajetória escolar e oferecer ferramentas para que ele esteja preparado para diferentes possibilidades no futuro.



Saltando um nível

A transição do ensino fundamental 1 para o 2 é um momento desafiador tanto para o aluno quanto para a família. Saiba como fazer essa adaptação da melhor forma

DANIELE FELIX*

Desde a infância até a fase adulta, é preciso lidar com uma série de mudanças na vida escolar. Uma das mais importantes é a transição dos anos iniciais aos anos finais do ensino fundamental. Novos — e vários — professores, uma dinâmica completamente diferente de organização dos horários e as transformações no próprio desenvolvimento da criança. É exatamente por esse momento desafiador que a estudante do 5º ano do ensino fundamental 1 Maria Emanuela, 10 anos, está passando.

A aluna do colégio La Salle relata que algumas partes do processo começaram a ser desenvolvidas com os alunos ainda no 5º ano. “A gente faz algumas provas e algumas redações e já usa caneta”, exemplifica. A experiência descrita por Emanuela é reforçada por Camilla Benevides, supervisora pedagógica do colégio, que explica como é feito o processo de adaptação dos alunos desde o início do 5º ano.

“Os alunos começam a fazer instrumentos avaliativos com maior dificuldade, passam a escrever mais, a participar de mais olimpíadas do conhecimento, a participar de mais escritas para livros literários e para projetos literários de uma forma geral”, detalha. Ainda segundo a educadora, os alunos são incentivados a participar de mais projetos de monitoria, o que

também ajuda com a adaptação a todas as mudanças.

Para a coordenadora pedagógica da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) Rosemary dos Santos Menezes, a melhor adaptação do aluno nessa nova fase depende de uma ação conjunta entre a escola e os responsáveis. “Embora separados por tempo e espaço, essas partes precisam se articular para que, em cooperação, trabalhem em prol da adaptação estudantil”, justifica.

A criação de um meio acessível entre responsável e escola é fundamental para que a ação de educar e auxiliar o estudante seja feita de forma conjunta. “O orientador educacional, em articulação com os demais setores da instituição, poderá fazer o intercâmbio de informações, oferecendo orientações, ferramentas e acompanhamentos voltados ao êxito estudantil e à parceria familiar no processo de ensino e aprendizagem”, enfatiza.

Para os pais de Maria Emanuela, a instituição onde a filha estuda faz esse papel muito bem. “Além de ter as atividades em si, o conteúdo é conversado primeiro com as crianças e, depois, a escola convoca os pais para explicar”, explica Francis Farias, pai de Emanuela. Para eles, um grande diferencial no processo é a possibilidade de, na escola, a educação ser complementar à que é passada em casa. “Um ponto muito importante para nós é que a escola tem valores muito semelhantes aos nossos, então não

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Maria Emanuela com os pais, Francis e Carolina: uso da caneta é apenas um dos marcos da transição

Guia de ajuda aos pais

Como suavizar a transição

- » Demonstrar apoio e compreensão em relação às mudanças e dúvidas que podem surgir;
- » Mostrar ao estudante que a escola e a família são parceiras;
- » Manter comunicação com a escola;
- » Entender como o processo ocorre na logística da escola para entender melhor as mudanças sofridas pelo(a) estudante;
- » Participar de eventos e reuniões da escola, para se aproximar da realidade dos(as) estudantes.

tem aquela quebra do que são os valores dentro de casa e os dentro do colégio. Além do conteúdo, tem essa parte que gera uma comunhão”, acredita.

Acompanhamento

Segundo Rosemary, o ideal para que os estudantes não se

percam no momento da transição e consigam acompanhar o ritmo é que o corpo docente, em parceria com a família, crie um fluxo contínuo para que a mudança não seja algo abrupto. “Os orientadores educacionais, em articulação com os professores, desenvolvem práticas ao acolhimento do estudante, envolvendo desde rodas de conversa sobre auto-organização, rotina e hábitos de estudos até encontros com a família sobre a avaliação e o regimento escolar”, descreve a coordenadora.

Esse método é descrito também pela supervisora Camila. “É uma mudança muito grande, então falamos de todas as etapas, dia após dia. Chegando ao segundo semestre, isso se intensifica. Eles usam mais caneta, passam a conhecer como funciona o preenchimento de um cartão-resposta”, detalha.

“É importante lembrar que a transição não é um momento pontual, mas, sim, uma ação processual, institucional, que inicia quando o estudante ingressa na escola”, acrescenta Rosemary Menezes. Os pais de Maria Emanuela também sentem que a escola cumpre com o objetivo. “Percebemos que é uma coisa

gradativa. Mesmo ela estando no ensino fundamental 1, a gente nota a diferença do ano passado para esse”, ressalta Francis.

Carolina Farias, mãe de Emanuela, acredita que a filha passou, desde o ano passado, a sentir uma necessidade maior de se esforçar e se colocar mais à frente como condutora do próprio estudo. “O colégio vai inspirando a autonomia e preparando. No ano passado, era tudo bem mastigadinho; este ano, a Maria já vai sentindo que tem que ser mais protagonista e correr atrás”, explica.

Ao mesmo tempo em que os pais consideram a mudança uma nova aventura a ser vivida por Maria Emanuela, acreditam que, com o apoio que tem da escola, a estudante vai se dar bem na nova fase. “Eu pretendo passar para a Maria sempre essa confiança de que ela é capaz, porque ela já viveu outros desafios. Nós somos missionários católicos e, por isso, a Maria já viveu outras realidades de mudança. Ela nasceu no Chile, mudou para o Brasil, então eu acredito que agora é mais uma transição que ela vai viver”, ressalta Carolina.

* Estagiária sob supervisão de Sibeles Negromonte

Destination Heavenly



Cuidar
primeiro



Crescer
com direção



Aprender
com base



Mais que
aprovados,
preparados



Formando novos leitores

Liberdade para escolher gêneros e atividades coletivas ajuda a aproximar crianças dos livros. Restrição ao celular abre espaço, mas não cria o hábito sozinha

GIOVANNA KUNZ

Mais do que aprender a decodificar palavras, ler contribui para o desenvolvimento de crianças e adolescentes. O contato com diferentes histórias amplia o vocabulário, estimula a imaginação, favorece a atenção e ajuda na construção do pensamento crítico.

Para a neuropsicopedagoga Sílvia Kelly Bosi, o incentivo à leitura é peça importante na evolução da criança. “A leitura é fundamental para o desenvolvimento infantil e adolescente porque vai muito além da alfabetização. Ela amplia o vocabulário, favorece a compreensão, a atenção, a imaginação e o pensamento crítico”, justifica.

Na escola, diferentes estratégias podem aproximar os estudantes dos livros. No Marista João Paulo II, a professora de

língua portuguesa Renata Alves utiliza a plataforma digital Árvore de Livros com turmas do 4º e 5º anos. A ferramenta transforma o avanço das leituras em uma espécie de jogo: os alunos recebem moedas e gotinhas que podem ser usadas para construir árvores e reflorestar ambientes virtuais relacionados às obras.

O incentivo também passa pela biblioteca, pelos livros físicos e pelo diário de leitura. No projeto Li, Lendo e Lerei, os estudantes registram as obras e compartilham indicações mensalmente. A professora procura respeitar os gêneros preferidos de cada um e usa os próprios interesses para apresentar novos títulos. A cada 10 obras registradas no diário, eles também recebem um bottom temático, que serve como recompensa e incentivo para os estudantes.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Carolina Fernandes está no 4º ano e participa de várias atividades de leitura na escola

Extensão de casa

Sílvia defende que quadrinhos, aventura, mistério, fantasia e esportes podem ser portas de entrada para a leitura. Em casa, o exemplo da família e a leitura compartilhada também são importantes. Na escola, rodas de leitura, contação de histórias, clubes e momentos de escolha livre podem tornar a atividade mais prazerosa.

A redução do uso de celulares no ambiente escolar pode abrir espaço para a leitura, mas não é suficiente para criar o hábito.

“Retirar o celular, por si só, não cria o hábito de ler. A escola precisa aproveitar essa oportunidade para tornar o livro interessante”, pondera Sílvia.

Renata, por sua vez, ressalta que tecnologia e leitura não precisam ser opostas. Plataformas digitais, PDFs e dispositivos como o Kindle também podem facilitar o acesso aos livros. “É diferente, mas é leitura. Isso que é importante.” Ao mesmo tempo, ela percebe que o ambiente digital pode estimular o consumo de conteúdos mais curtos.

Entre os estudantes que desenvolveram o hábito desde cedo está Carolina Fernandes, 10 anos, do 4º ano, que já leu 50 obras só em 2026. O interesse começou aos 5 anos, quando ela queria entender o que estava escrito nos livros que via em casa. Na escola, Carolina participa das atividades de leitura e gosta dos momentos em que os alunos podem escolher e compartilhar livros. “Quando eles dão esse diário de leitura, eu gosto de fazer porque a gente ganha bottoms e escreve o que aprende nos livros”, conta.

ARTIGO

Ana Paula Bernardes, coordenadora da Biblioteca Comunitária Roedores de Livros e mestranda em literatura pela UnB

Que lugar a leitura ocupa na escola?

Na hora de escolher uma escola, as famílias costumam observar a proposta pedagógica, a estrutura, os resultados e a segurança. Mas há uma pergunta que merece entrar nessa lista: qual é o lugar dos livros na rotina das crianças?

Em 20 anos de atuação na Biblioteca Comunitária Roedores de

Livros, em Ceilândia, acompanhei crianças e adolescentes com diferentes histórias de acesso à leitura. Essa experiência mostra que o interesse pelos livros cresce quando eles estão ao alcance das mãos, circulam com liberdade e podem ser escolhidos sem que toda leitura se transforme em tarefa.

Ter uma sala chamada biblioteca é pouco. É importante saber se ela permanece aberta, se recebe as turmas com frequência, se conta com um acervo diverso, atual e adequado às várias idades e se há alguém preparado para aproximar leitores e livros. Uma biblioteca viva é acolhedora, permite explorar as estantes, conversar sobre as leituras e levar livros para casa.

Também vale observar se a escola reserva tempo para a leitura autônoma, realiza leituras

compartilhadas e respeita as preferências de cada criança. Nesse processo, o professor tem papel decisivo: apresenta diferentes livros, escuta as impressões das crianças e permite que diversas interpretações apareçam.

A família é parte desse processo. Mesmo em casas com poucos livros ou pouco tempo disponível, perguntar sobre uma história, ouvir o que a criança tem a dizer e compartilhar alguns minutos de leitura fortalecem o vínculo com os livros. A

escola pode apoiar esse encontro ao emprestar obras, aproximar as famílias da biblioteca e sugerir maneiras simples de compartilhar leituras em casa.

Ao visitar uma escola, entre na biblioteca. Veja se há crianças ali, pergunte como funciona o empréstimo e com que frequência os livros chegam à sala de aula. O modo como a escola cuida de sua biblioteca revela muito sobre o espaço que ela abre para a imaginação, a linguagem e as experiências de seus estudantes.



Brasília, domingo, 27 de setembro de 2026 • CORREIO BRAZILIENSE 19

O jeito La Salle de educar: formação que vai além das salas de aulas

Rede com mais de 340 anos de história alia excelência acadêmica, acompanhamento próximo e valores humanos nos quatro colégios do DF

Apresentado por



GABRIELLA COLLODETTI

Educar, para a Rede La Salle Brasil, vai além da transmissão de conhecimentos. É um compromisso com a formação integral de crianças e jovens, considerando não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também a construção de valores, relações e habilidades para a vida. É nesse propósito que se sustenta o jeito La Salle de educar, com um ensino humano e cristão, que acolhe cada estudante em sua singularidade.

“O jeito La Salle de educar significa acolher cada estudante como uma pessoa única, com talentos, sonhos e uma jornada bonita na presença de Deus. No cotidiano, isso se manifesta na presença próxima dos educadores, no ambiente de respeito e segurança, na qualidade do ensino e no cuidado com todas as dimensões da vida. É uma educação que prepara para os bons resultados acadêmicos, mas também ensina a bem viver”, informa o Irmão Gabriel Pôrto Cesar, diretor regional das Obras Educativas Lassalistas do Distrito Federal.

Com mais de 340 anos de história, a Rede La Salle está presente em 80 países e reúne, no Brasil, mais de 56 mil estudantes, mais de 6.500 educadores e 44 instituições de ensino. No Distrito Federal, quatro colégios – La Salle Águas Claras, La Salle Brasília, La

Salle Núcleo Bandeirante e La Salle Sobradinho – traduzem essa missão em experiências que acompanham os estudantes da educação infantil ao ensino médio.

Em cada unidade, o jeito La Salle de educar se manifesta de forma própria, respeitando as características de cada comunidade escolar. Projetos pedagógicos, atividades culturais e esportivas, tecnologia, internacionalização e pastoral compõem uma proposta que alia excelência acadêmica, acompanhamento próximo e valores humanos e cristãos, preparando crianças e jovens para os desafios do futuro, e para transformar o mundo em que vivem.

Essa proposta valoriza o encontro, o desenvolvimento coletivo e a formação integral. “Ir à escola é o encontro com o outro, é o desenvolvimento do coletivo, do humano em meio a um mundo grande, cheio de oportunidades. A maneira como ensinamos comunica valores e influencia a forma como crianças e jovens compreendem a si mesmos, relacionam-se com os outros e atuam no mundo. Quando o conhecimento é construído com acolhimento, diálogo, propósito e acompanhamento, a aprendizagem se torna mais significativa”, reforça Irmão Gabriel.

Nesse sentido, educar significa acompanhar cada estudante em sua trajetória, acolher suas particularidades e contribuir para que desenvolva autonomia, responsabilidade, confiança e valores para a vida. Em um mundo de rápidas transformações sociais e tecnológicas, isso leva a uma reflexão essencial: o que significa preparar um



estudante para a vida, e não apenas para as avaliações? A resposta passa por uma formação que combine conhecimento, pensamento crítico, autonomia, relações humanas e valores capazes de orientar escolhas dentro e fora da escola.

“Preparar um estudante para a vida significa ir muito além do treino para provas e avaliações”, ressalta Eduardo Campos Celestino, diretor do Colégio La Salle Sobradinho. Para ele, essa preparação exige uma base sólida de conhecimentos e a ampliação contínua de um repertório cultural e intelectual. “É por meio dessa bagagem que o aluno desenvolve um verdadeiro espírito crítico, capaz de analisar o mundo de forma autônoma. Nosso objetivo é garantir que nossos estudantes não sejam manipulados por ondas passageiras ou transformações nocivas no tecido social, mas se posicionem como cidadãos firmes, conscientes

de seus valores e preparados para fazer a diferença na sociedade”, complementa.

Atividades culturais, esportivas, tecnológicas e projetos interdisciplinares também contribuem para a formação integral no La Salle. “Entendemos que o esporte ensina disciplina e trabalho em equipe, as iniciativas culturais expandem a empatia e a capacidade de expressão, e a tecnologia desenvolve o raciocínio lógico e inovador”, afirma Eduardo. Ao unir essas frentes em projetos interdisciplinares, o aluno visualiza como o conhecimento teórico se aplica na prática, sempre de forma aderente ao ambiente escolar e com propósito educativo claro e seguro.

O sonho da Medicina

Para Izabela Mathias, estudante do Colégio La Salle Brasília, preparar-se para o futuro

tem um objetivo concreto: conquistar uma vaga em Medicina. A estudante conta que a escola tem sido uma aliada importante nessa trajetória, não apenas pela preparação para o Enem e os vestibulares, mas pelo acesso a recursos e estratégias que contribuem para uma rotina de estudos mais consistente.

“A forma como os conteúdos são trabalhados pelos professores, associados aos blocos de questões e diferentes recursos, tem contribuído para que nós, “vestibulandos”, desenvolvamos uma preparação mais sólida e direcionada aos vestibulares em geral, o que é especialmente importante para mim”, informa. Segundo a estudante, os simulados e provas aproximam os alunos da realidade dos vestibulares e ajudam a identificar nossos pontos fortes e o que precisa ser aprimorado.

Mas a experiência de Izabela no La Salle não se resume à preparação para os vestibulares. Para ela, um dos principais diferenciais está na formação que acontece além da sala de aula, nos vínculos construídos e no sentimento de pertencimento à comunidade escolar. “Ao longo dos anos, construí vínculos com professores, colegas e com toda a comunidade escolar, o que me fez desenvolver um sentimento de pertencimento que hoje vejo como essencial na minha formação. Acredito que o diferencial do La Salle está no equilíbrio entre uma formação acadêmica qualitativa e um olhar atento para cada aluno”, destaca.

A era dos criadores

Sem celulares e com apoio de IA e robótica, escolas apostam em projetos práticos para transformar a distração em pensamento crítico e inovação

EDUARDO FERNANDES

No mundo contemporâneo, encontrar uma criança ou um adolescente que não esteja imerso na tecnologia é de extrema raridade. Isso, claro, porque eles já nasceram completamente mergulhados nesse oceano de informações. Assim, tanto em casa quanto na sala de aula, o ideal é aliar essa ferramenta à educação. Transformá-la em uma forte contribuinte para o processo de criatividade em uma fase em que criar pode ser divertido.

Na rede Sesi-DF, por exemplo, o trabalho é feito com minúcia e carinho. Sem se esquecer, é claro, de tornar esse ecossistema interessante e não maçante. A estratégia incluiu a proibição dos aparelhos celulares individuais nas classes, ao mesmo tempo em que fortalece o acesso a plataformas digitais e equipamentos avançados. “A inteligência artificial, hoje, é uma forma que usamos para mediar o conhecimento. Não é uma resposta final”, afirma Thaysa Tonhá, gerente de Desenvolvimento e Tecnologia Educacional do Sesi/Senai-DF.

Com isso, a proibição dos smartphones em sala abriu espaço para o uso pedagógico da inteligência artificial, de impressoras 3D e de kits de robótica (leia mais na página 24). Redes de ensino apostam na integração

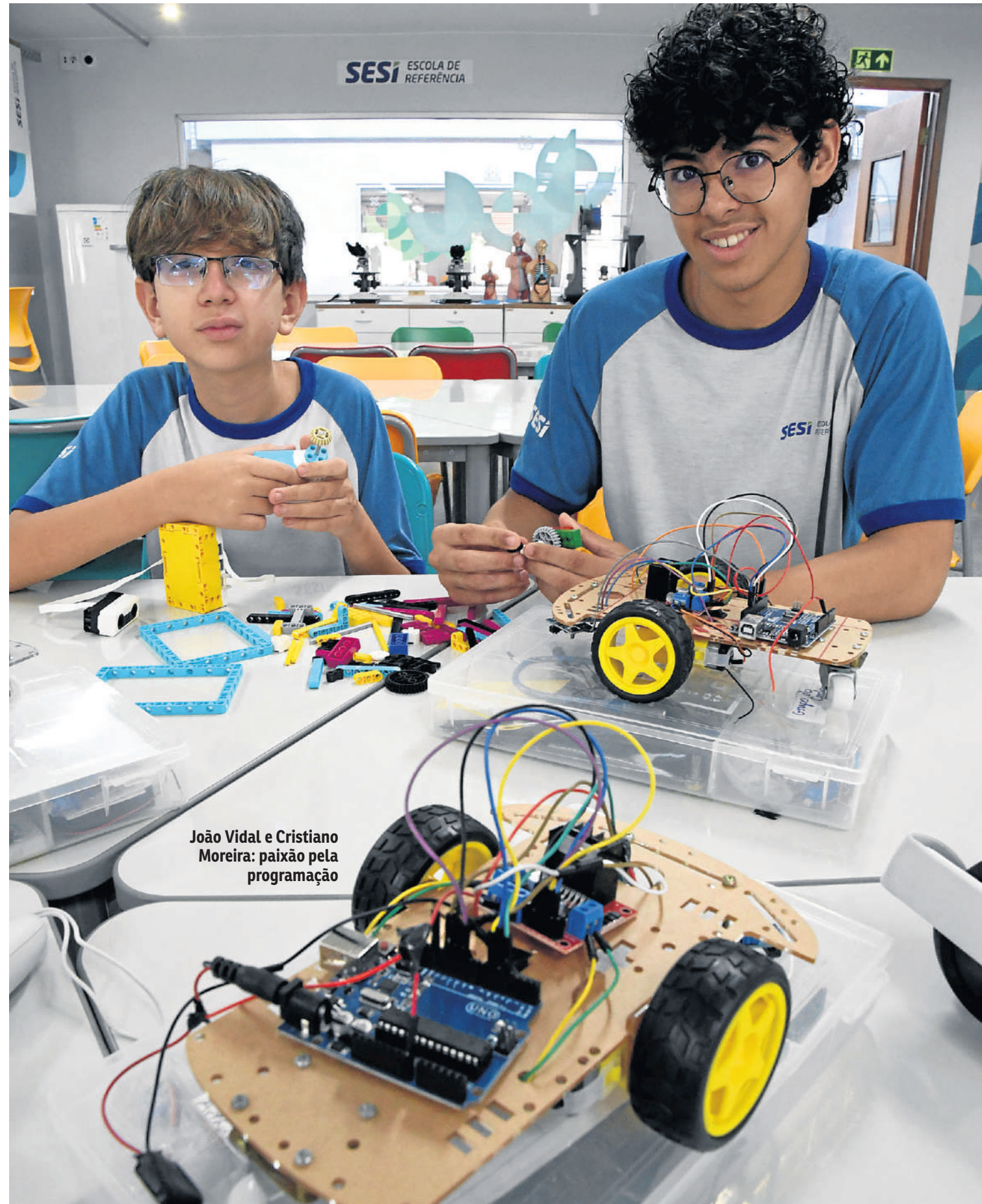
tecnológica transversal para substituir a distração pelo pensamento crítico, transformar conceitos abstratos em aprendizado prático e preparar jovens para as carreiras do futuro.

Em um cenário educacional em que a presença da tecnologia, muitas vezes, é associada à distração e ao entretenimento passivo, o Sesi busca redefinir a relação dos adolescentes com o universo digital. O desafio de engajar turmas do ensino fundamental e médio passa por afastar a tecnologia da simples navegação em redes sociais e integrá-la como aposta criativa e mediadora do conhecimento no dia a dia escolar.

Sem página em branco

A proposta pedagógica adota a tecnologia de forma transversal, evitando a separação em blocos isolados de conteúdo. Nesse universo, que conta com impressoras 3D, óculos de realidade aumentada, gabinetes de notebooks e robótica Lego, a inteligência artificial ganha espaço controlado. “Não abrimos mão do uso da IA. Hoje é uma forma que usamos para mediar o conhecimento. Não é uma resposta final. O aluno aprende a investigar isso na rotina. Incentivamos a fazer isso, não como um produto finalístico, mas como um meio. Eles fazem as pesquisas,

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



João Vidal e Cristiano Moreira: paixão pela programação



Professor Manuel Jesus com a gerente Thaysa Tonhá, do Sesi/Senai

recebem as respostas, mas são mediados para tratar se aquela informação é verdadeira ou não”, detalha Thaysa.

Na prática docente, o uso desse instrumento é voltado para a resolução de problemas reais da comunidade por meio da metodologia STEAM (leia mais na página 22). Professor de ciências humanas e técnico de robótica no Sesi-DF, Manuel Jesus Guerra detalha como utiliza o ecossistema digital em suas aulas. “Acabo utilizando muito notebooks e ferramentas, como a construção de diário de bordo na plataforma Sway e o uso do Teams, para comunicação de tarefas. O uso do pacote Office também está muito presente na rotina”, conta.

Sobre a inteligência artificial, o professor explica a dinâmica de mediação pedagógica em sala de aula: “Pensamos que a IA rompe com a página em branco. Quando preciso propor soluções para um problema que identificamos na comunidade, a IA nos ajuda a pensar nas soluções. Mas as soluções

“É necessário observar evidências, como evolução das competências dos estudantes, qualidade dos projetos, capacidade de resolver problemas, argumentar, trabalhar colaborativamente, interpretar dados, comunicar ideias e revisar soluções”

Débora Garofalo, professora finalista do Global Teacher Prize

são sempre generalistas, e é isso que os estudantes precisam compreender. O desenvolvimento do pensamento crítico é

para entender que depende do trabalho criativo deles construir como esse ponto de partida pode ser verossímil.”

O docente complementa que o papel da escola é expandir a visão dos alunos diante dos resultados gerados por algoritmos. “Não condenamos o uso de outras inteligências artificiais. O que fazemos é trabalhar a partir delas para que eles percebam que outras perspectivas precisam ser consideradas para melhorar e fortalecer o conhecimento, demonstrando que existe uma pluralidade para além do texto gerado com viés”, enfatiza Manuel.

Olhando para o futuro

Para os alunos mais novos, o contato precoce com a programação e a robótica serve de galitilho para a descoberta de vocações. João Vieites Borges Vidal, 13 anos, estudante do 8º ano no Sesi Gama, afirma que a rotina

na escola se conectou com seus interesses pessoais e com a referência que tem em casa. “O Sesi tem essa afinidade com a robótica e eles dão uma infraestrutura boa para isso. Para mim, a parte mais legal é a de programação. Eu sempre fui um cara que gostou de videogame, então sempre tive essa afinidade com o computador”, comenta.

Quando crescer, o estudante espera virar técnico de informática ou um programador de sucesso. Esse desejo, inclusive, vem de dentro de casa. “Meu irmão participou da equipe de robótica e eu acho ele uma grande inspiração. Ele me fez entrar nessa área de computação falando que eu era bom no computador”, completa João.

Nessa mesma linha de pensamento, Cristiano Kalebe Rodrigues Moreira, 15, aluno do 9º ano do ensino fundamental, acredita que o grande trunfo das ferramentas digitais é dar forma a conceitos teóricos difíceis. Ele destaca, também, o impacto dos projetos mão na massa no cotidiano escolar, mostrando como o processo com a tecnologia pode ser, para além de tudo, divertido e encantador. “A parte

mais legal é na sala do Lego, quando temos essas tecnologias mais criativas. Já fizemos uma espécie de elevadorzinho e um lançador de avião.”

A experiência prática, porém, não deve ser avaliada apenas pelo resultado que chama a atenção dos alunos. Para Débora Garofalo - a primeira mulher brasileira e sul-americana a ser finalista no Global Teacher Prize, considerado o Nobel da Educação, e escolhida a professora mais influente do mundo este ano -, a tecnologia pode ser atraente justamente porque produz respostas visíveis rapidamente. “O aluno monta um robô, acende uma luz, movimenta um motor e temos algo para mostrar. Mas isso não significa, necessariamente, que houve aprendizagem significativa.”

Propostas e resultados

A sinergia entre ambiente escolar e interesse dos alunos converge com estudos do mercado de trabalho realizados pelas instituições. “Pesquisamos muito o mercado de trabalho, e o campo da TI está empregando mais. Buscamos fazer com que os nossos alunos percebam que a tecnologia está ali para agregar conhecimento”, conclui Thaysa Tonhá.

Para avaliar se essa proposta realmente produz resultados, no entanto, não basta contabilizar equipamentos ou registrar projetos. “É necessário observar evidências, como evolução das competências dos estudantes, qualidade dos projetos, capacidade de resolver problemas, argumentar, trabalhar colaborativamente, interpretar dados, comunicar ideias e revisar soluções”, detalha Débora Garofalo.

Para a educadora, até mesmo uma escola que apresenta muitos projetos e equipamentos precisa mostrar o que mudou na aprendizagem dos alunos. “A escola precisa ir além de mostrar fotografias de projetos ou o número de alunos que passaram pelo laboratório. Esses dados são importantes para dimensionar o alcance, mas não comprovam aprendizagem.”

Robótica além da vitrine

Especialista explica o que pais devem observar além das máquinas durante visitas a escolas

AMANDA S. FEITOZA

Uma impressora 3D, uma máquina de corte a laser, robôs e computadores podem chamar a atenção de qualquer família durante uma visita a uma escola. Mas, por trás de uma sala tecnológica, existe uma pergunta mais importante do que saber quantos equipamentos estão disponíveis: o que os estudantes realmente aprendem ali? A resposta ajuda a separar uma experiência de educação maker de uma simples vitrine de tecnologia.

No primeiro caso, o aluno não é apenas colocado diante de uma máquina para reproduzir um projeto pronto. Ele recebe um problema, pesquisa, pensa em possibilidades, constrói, testa, erra, muda o caminho e consegue explicar por que chegou àquela solução. É essa combinação de prática, investigação e diferentes áreas do conhecimento que está por trás da abordagem STEAM — sigla em inglês para ciência, tecnologia, engenharia, artes e matemática.

A pergunta não é “qual robô vocês têm?” É justamente esse olhar que a professora Débora Garofalo recomenda às famílias. Para ela, o primeiro erro é avaliar a qualidade de um laboratório pela quantidade de equipamentos que aparecem na sala. “O principal indicador não é o equipamento que está dentro do laboratório, mas o que os estudantes conseguem fazer a partir dele”, afirma.

Segundo a professora, um ambiente realmente voltado à aprendizagem precisa permitir que os

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



A professora Sylvana Santos com a aluna Esther de Alencar: do livro para a prática

estudantes investiguem problemas, levantem hipóteses, construam soluções, testem, errem e reformulem o que fizeram.

É aí que aparece uma diferença fundamental entre aprender fazendo e simplesmente fazer. Se o aluno recebe instruções para montar exatamente o mesmo robô que todos os outros colegas e não precisa tomar nenhuma decisão durante o processo, a atividade pode até desenvolver alguma habilidade técnica. Mas, para Débora, há menos espaço para uma aprendizagem autoral.

“Quando eles precisam compreender um problema real e tomar decisões para resolvê-lo, o laboratório passa a ser um espaço potente de aprendizagem”, afirma.

Na prática

A estudante Esther de Alencar, 16 anos, vive esse processo no cotidiano. Aluna do ensino médio integrado em informática no Instituto Federal de Brasília (IFB),

Ponto a ponto para a família

Durante uma visita à escola, Débora Garofalo recomenda que os pais troquem perguntas sobre equipamentos por questões sobre aprendizagem. Vale perguntar:

Com que frequência os alunos usam o laboratório?
Quantos estudantes participam dos projetos durante o ano?
A atividade faz parte do currículo ou é extracurricular?
Quais conteúdos e habilidades são trabalhados?
Os alunos podem propor os próprios projetos?
Como os professores são preparados para utilizar os equipamentos?
Como a escola avalia o que os estudantes aprenderam?
O que acontece quando um projeto dá errado?
É possível conhecer projetos desenvolvidos pelos alunos ao longo do ano, e não apenas os selecionados para apresentações?

ela conheceu os laboratórios por meio das aulas e do projeto de extensão Meninas na Ciência. Os espaços tecnológicos vão além de laboratórios de informática. Há ambientes de pesquisa e prototipagem, como IF Maker, LabInova, PAPP Lab e Inovappe. Professores e técnicos podem propor projetos e atividades nesses espaços.

Um dos projetos que desenvolveu envolveu a produção de joaninhas em uma impressora 3D. Antes de colocar a peça para ser fabricada, ela e uma colega precisaram passar pela etapa de modelagem. “Foi muito mais fácil entender na prática como a máquina funciona, desde a modelagem do arquivo até o envio para a impressão. Se a

gente estivesse apenas dentro de uma sala de aula vendo slides, teria sido muito mais difícil e abstrato absorver tudo isso”, conta. Para Sylvana Santos, diretora de Pesquisa e Extensão do IFB Câmpus Brasília, a lógica é fazer com que os equipamentos estejam relacionados às atividades pedagógicas.

Investigação

Para Débora Garofalo, uma das formas de verificar se a tecnologia realmente faz parte do currículo é perguntar de onde nasce o projeto. “Um dos principais sinais é quando o projeto nasce de uma questão curricular e não simplesmente da disponibilidade de um equipamento”, explica.

Ela também chama a atenção para a continuidade. Uma atividade isolada, sem relação com os conteúdos trabalhados em sala, pode ser uma experiência complementar. Já um projeto conectado aos objetivos de aprendizagem, envolvendo diferentes áreas e gerando registros e avaliações, passa a fazer parte da formação.

A lógica também vale para o investimento financeiro. Uma escola não precisa ter a máquina mais moderna para desenvolver uma boa atividade STEAM. “STEAM não é sinônimo de laboratório caro, impressora 3D ou robô de última geração”, afirma Débora. Materiais reutilizáveis, papelão, garrafas, sucata, componentes eletrônicos simples e objetos do cotidiano podem servir de base para projetos. O que muda a experiência é a intencionalidade pedagógica. Segundo a professora, o investimento mais importante deve começar pela formação dos educadores. A falta de preparo pode produzir justamente o efeito contrário ao esperado: uma escola com equipamentos modernos, mas atividades tradicionais. “O equipamento corre o risco de se transformar em objeto de exposição ou de ser utilizado apenas para reproduzir atividades prontas.”



Brasília, domingo, 27 de setembro de 2026 • CORREIO BRAZILIENSE 23

Brink Kids alia princípios cristãos e pedagogia ativa na primeira infância

Escola aposta em proposta sociointeracionista, princípios cristãos e maior área verde da região de Vicente Pires para acompanhar de perto o desenvolvimento de cada criança

Apresentado por



GABRIELLA COLLODETTI

Localizada em Vicente Pires (Rua 4A Chácara 191/1B) e dedicada a acompanhar os alunos desde o berçário até o 5º ano do Ensino Fundamental, a Brink Kids consolida-se como um espaço onde educação, cuidado e princípios familiares caminham lado a lado. Pautada em uma proposta pedagógica sociointeracionista, a instituição valoriza a participação ativa da criança, estimulando sua autonomia, a troca de experiências e a construção de um conhecimento significativo por meio da interação com o meio e com o outro.

Mais do que transmitir conteúdos acadêmicos, a escola assume o compromisso com o desenvolvimento integral dos estudantes – abrangendo os aspectos pedagógicos, sociais, emocionais e afetivos. Esse cuidado é sustentado por sólidos princípios cristãos, que norteiam a formação de caráter e promovem valores essenciais como respeito, amor e solidariedade. Aliando esse propósito a um ambiente seguro, com salas amplas e a maior área verde da região, a Brink Kids oferece o cenário ideal para que o brincar e o contato com a natureza façam parte essencial da rotina e do aprendizado de cada fase da infância.

“Acreditamos que alguns valores são fundamentais para formar

uma criança preparada não apenas para a vida escolar, mas para a vida em sociedade. Entre eles, destacamos amor, respeito, honestidade, responsabilidade, empatia, solidariedade, gratidão, perdão e cuidado com o próximo. Esses valores estão diretamente relacionados aos princípios cristãos que fazem parte da identidade da Brink Kids. Queremos que a criança compreenda que suas atitudes têm impacto sobre as pessoas ao seu redor e que é possível construir relações baseadas no respeito, na gentileza e no amor ao próximo”, informa Gisele Pontes da Silva Campos, proprietária da Escola Brink Kids.

Além disso, a instituição valoriza a autonomia, a perseverança, a curiosidade e a coragem para aprender e enfrentar desafios. Segundo Gisele, formar uma criança é ajudá-la a desenvolver conhecimento, mas também caráter. Dessa forma, o propósito da escola é que esses valores não sejam apenas ensinados, mas vivenciados diariamente, por meio das relações, das experiências e, principalmente, do exemplo dos adultos que convivem com as crianças. “Acreditamos que educar vai muito além de transmitir conhecimentos”, reforça.

De acordo com a proprietária, mais do que formar bons alunos, a Brink Kids deseja formar crianças felizes, conscientes, responsáveis e preparadas para a vida, levando consigo valores que permanecerão muito além dos anos vividos na escola. Nessa proposta, aprender está diretamente ligado às relações, às experiências e às descobertas que a criança



vivencia diariamente. Por isso, a Brink Kids oferece um ambiente em que a criança seja protagonista de sua aprendizagem, sinta-se acolhida e tenha liberdade para descobrir, enquanto o professor e a família caminham ao seu lado.

“A criança participa ativamente do próprio processo de aprendizagem quando ela tem espaço para explorar, questionar, fazer escolhas, experimentar, criar e compartilhar suas descobertas. Na Brink Kids, acreditamos que quando a criança participa, ela se envolve; quando se envolve, aprende com significado. Por isso, buscamos oferecer um

ambiente acolhedor e desafiador, no qual cada criança tenha voz, seja respeitada em sua individualidade e seja incentivada a descobrir suas potencialidades, sempre com a orientação dos educadores e em parceria com a família”, contextualiza.

A partir dessa forma de ensino, a Brink Kids acredita que cada criança é única e que aprender não acontece da mesma maneira nem no mesmo tempo para todos. Por isso, respeitar o ritmo e as particularidades de cada aluno começa pelo olhar atento, pela escuta e pelo conhecimento

individual de cada criança. “Nossos professores acompanham de perto o desenvolvimento de cada aluno, observando suas habilidades, interesses, necessidades e desafios. A partir desse olhar, buscamos adaptar estratégias, propor diferentes experiências e oferecer os estímulos necessários para que cada criança avance de forma segura e significativa”, ressalta.

Do berçário ao 5º ano

Gisele indica que os primeiros anos de vida são fundamentais para a construção dos vínculos, da autonomia, dos valores e das aprendizagens que acompanharão o indivíduo ao longo de sua trajetória. Por isso, na Brink Kids, a educação e cuidado buscam caminhar juntos desde o berçário, em parceria constante com a família. Ao oferecer uma jornada que vai do berçário ao 5º ano, a escola consegue construir um vínculo duradouro com as famílias e acompanhar de perto cada etapa do desenvolvimento da criança – respeitando suas necessidades, potencialidades e individualidade.

“Nossa proposta une acolhimento, cuidado, aprendizagem, princípios cristãos e excelência pedagógica, buscando contribuir para o desenvolvimento humano, cognitivo, emocional e espiritual dos nossos alunos. Mais do que preparar para a próxima etapa escolar, queremos participar da formação de crianças seguras, responsáveis, curiosas, sensíveis e preparadas para os desafios da vida”, reforça.



Celular sai da sala, mas não da educação

Pisa mostra avanço das restrições no Brasil, enquanto estudantes relatam mudanças na convivência. Desafio, agora, é equilibrar limites e educação digital

AMANDA S. FEITOZA

Menos distração

O celular deixou de ser presença livre nas escolas brasileiras, mas a discussão está longe de terminar. Um ano e meio após a entrada em vigor da Lei nº 15.100/2025, que restringe o uso de aparelhos eletrônicos pessoais para fins não pedagógicos na educação básica, 92% das escolas afirmam ter implementado a medida, segundo pesquisa nacional do Ministério da Educação (MEC), em parceria com o Inep, o Instituto Alana e a Unesco. O levantamento ouviu gestores de 8.189 escolas públicas e privadas de todo o país.

Os efeitos percebidos pelos gestores aparecem, principalmente, na rotina. Segundo 97% deles, a restrição contribuiu para ampliar a participação dos estudantes nas atividades pedagógicas, enquanto 95% relatam melhora na concentração e na socialização presencial. Para 86%, houve redução da ansiedade dos alunos.

A proposta é restringir o uso não pedagógico, e não eliminar a tecnologia do processo educacional. É justamente nesse ponto que surge um dos principais desafios da mudança: como afastar o celular durante a aula sem afastar os estudantes da educação digital?

Os dados internacionais ajudam a explicar por que o celular passou a ser alvo de restrições. No Brasil, 25% dos estudantes disseram que os colegas frequentemente se distraem com dispositivos digitais durante a maioria ou todas as aulas de ciências, segundo o Pisa. Entre esses alunos, o desempenho médio em ciências foi 19 pontos menor do que entre aqueles que não relataram esse tipo de distração, depois de considerados fatores socioeconômicos.

A relação, porém, não permite afirmar que o celular seja responsável pela diferença de desempenho. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) trabalha com associação, e não com uma relação de causa e efeito. O mesmo cuidado vale para os efeitos da proibição. Nos países da organização, estudantes de escolas que não permitem celulares nas dependências da instituição tinham cerca de 13% menos probabilidade de relatar distração digital. Ao mesmo tempo, o Pisa não encontrou evidência de que a mudança na proporção de escolas com proibição entre 2022 e 2025 tenha produzido alteração correspondente no desempenho médio em ciências ou leitura.

Para o professor e pesquisador Lucelmo Lacerda de Brito, a restrição enfrenta um problema

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Alex Silva, 17 anos, percebeu melhora no rendimento

concreto da rotina escolar, mas não resolve a relação dos jovens com as telas. “No contexto escolar, essa utilização é um grande problema, e, nesse sentido, o ataque é a um problema real, mas também é sintoma de uma sociedade cada vez com menos atenção e com muita dependência de estímulos rápidos.”

Segundo ele, retirar o aparelho não deve significar simplesmente recolher o celular. A escola precisa oferecer alternativas para ocupar o espaço deixado pelas telas. “A ausência do celular, que é o foco da atenção prioritária dos estudantes de modo geral, gera uma situação também de dificuldade para os estudantes que utilizavam aquilo ali como referência”, relata. Por isso, o pesquisador defende que as escolas ampliem as possibilidades de convivência e atividades fora das telas, com livros, revistas, espaços esportivos e outras experiências.

No Centro de Ensino Médio Escola Industrial de Taguatinga (Cemeit), o diretor Gabriel Rodrigues conta que a escola passou a trabalhar a questão com os estudantes por meio da reflexão sobre o uso excessivo dos aparelhos. “Adolescentes não lidam bem com o proibido. Então, trouxemos para o campo da reflexão.”

A escola também ampliou atividades fora das telas, com projetos relacionados a saúde mental, esportes, direitos humanos, tecnologia e preparação para concursos e vestibulares.

Na prática

Para quem está do outro lado da regra, a mudança foi sentida diretamente na rotina. Aos 17 anos, o estudante Alex Mikael Pereira da Silva, do Cemeit, conta que, inicialmente, teve dificuldade para se acostumar. “O celular é um grande vício pra todos

nós, então era muito estranho não ver as mensagens ou abrir alguma rede social.” Com o tempo, porém, ele percebeu mudanças que ultrapassaram os muros da escola. Segundo Alex, a diminuição do uso nas aulas também reduziu a vontade de acessar o aparelho ao longo do dia.

Tecnologia é aliada

Dados do Pisa 2025 mostram que 48% dos estudantes brasileiros disseram usar chatbots de inteligência artificial pelo menos uma vez por semana para ajudá-los a aprender, percentual próximo à média da OCDE, de 46%. Ao mesmo tempo, apenas 51,2% dos estudantes brasileiros disseram aprender na escola a avaliar a qualidade das informações produzidas por chatbots de IA. Ou seja, enquanto o smartphone perde espaço durante a aula, ferramentas digitais continuam fazendo parte da vida acadêmica dos adolescentes — e a inteligência artificial amplia esse desafio.

Para Lucelmo, a escola precisa separar o uso recreativo do uso pedagógico. A retirada dos celulares durante determinados momentos não impede que as telas sejam utilizadas em atividades planejadas. O pesquisador também chama atenção para estudantes que precisam de dispositivos como ferramentas de acessibilidade. Nesses casos, a regra geral não deve ignorar necessidades individuais. “Esse celular, ou outro dispositivo, como um tablet, pode ser utilizado como uma ferramenta para comunicação alternativa. E, neste caso, obviamente, ele não pode ser retirado.”

O Brasil não está sozinho na tentativa de limitar o uso de celulares no ambiente escolar. Em março de 2026, 114 sistemas educacionais tinham algum tipo de proibição nacional de celulares, o equivalente a cerca de 58% dos países monitorados pela Unesco. Em 2023, eram menos de 25%.

As regras, porém, variam bastante entre os países. Há modelos de proibição nacional, orientações para que cada escola estabeleça sua própria política e restrições concentradas em determinadas etapas de ensino.

A | 130 anos

**Educação Adventista,
há 130 anos
transformando
vidas!**



 (61) 3441-5000



Foco na saúde emocional

Especialistas defendem acolhimento, observação de mudanças de comportamento e parceria com as famílias, além da adoção de protocolos para enfrentar problemas

GIOVANNA KUNZ

A ansiedade pode aparecer antes de uma prova, depois de um conflito com um colega ou até sem que o estudante consiga explicar exatamente o que está sentindo. Identificar esses sinais e saber como agir diante deles se tornou parte da rotina de educadores e equipes pedagógicas.

No Colégio Marista Asa Sul, a atenção começa pela observação. A instituição mantém ações voltadas ao desenvolvimento socioemocional e conta com o acompanhamento de profissionais para identificar situações que podem afetar os estudantes. Entre as iniciativas, está a aula de interioridade, componente semanal que trabalha reflexão, autoconhecimento, espiritualidade e equilíbrio.

Segundo Andreia Campos Borba, orientadora pedagógica do 6º ano, a proposta do colégio permite que os alunos tenham momentos de pausa e de reflexão durante a rotina. Durante as aulas, os professores utilizam diferentes atividades para abordar sentimentos e relações. Em períodos de provas, por exemplo, exercícios de respiração são utilizados para ajudar os estudantes a desacelerar.

Para os alunos, algumas dessas estratégias fazem parte da maneira de enfrentar situações de tensão. Mateus Guinhoni, 11 anos, que pratica vários esportes, conta que aprendeu a utilizar a respiração para se acalmar. Ele afirma que o recurso também o auxilia fora da escola. “A interioridade me ajuda a respirar e ficar aliviado. Conseguir fazer as coisas sem erro e com qualidade.”

A prática não fica restrita às aulas. Segundo Andreia, o colégio também utiliza a participação de psicólogos em atividades com as turmas. Em uma dessas ações, os estudantes foram convidados a escrever anonimamente situações que já haviam causado algum tipo de dor.

Sinais de atenção

O psicólogo e mestre em psicologia clínica e cultura Matheus Kaiser reforça que mudanças de comportamento são alguns dos principais sinais de atenção. Segundo ele, apatia, irritabilidade, choro, isolamento, sonolência e agitação podem indicar que algo está acontecendo. A mudança em relação ao comportamento habitual é especialmente importante. “É fundamental que a equipe da escola procure identificar e agir.”

Foi justamente a possibilidade de conversar com adultos que ajudou Igor Coutinho, 11, a se sentir acolhido. Estudante do 6º ano e representante de turma, ele afirma que costuma procurar coordenadores quando passa por algum problema. “Eles estão aqui na escola para ensinar e sempre estão dispostos a falar com a gente e a ajudar.”

Agnes Carlos, 11, também relata que se sente acolhida na escola, sobretudo em questões relacionadas ao transtorno do espectro autista (TEA). Quando está ansiosa, uma das estratégias que utiliza é respirar, acalmar-se e procurar um adulto.

No Marista, quando um estudante apresenta uma crise de ansiedade, existe um fluxo definido. De acordo com Andreia, o estudante é inicialmente encaminhado

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Mateus Guinhoni, Igor Campos Coutinho e Agnes Carlos: aula semanal de interioridade

à enfermaria, onde é avaliado. A equipe de assistência ao aluno e a orientação também são acionadas, e a família é comunicada.

O objetivo, explica a orientadora, é compreender o possível gatilho da crise. Dependendo da situação, a escola também pode entrar em contato com o profissional de saúde que acompanha o estudante.

Depois do atendimento imediato, começa uma segunda etapa: entender o que provocou a situação e como evitar que se repita. “A partir daí, fazemos um plano de ação para entender onde estão acontecendo esses gatilhos para que essa ansiedade possa se desenvolver dentro da escola”, afirma Andreia.

Os gatilhos podem estar relacionados a conflitos, exclusão social, dificuldades de convivência ou situações familiares. Por isso, a escola busca ouvir diferentes pessoas envolvidas antes de definir como agir. A capacitação dos educadores também faz parte desse processo. No colégio, professores se reúnem

semanalmente para discutir situações observadas nas turmas.

Antecipando o problema

Para Kaiser, esse acompanhamento precisa ser contínuo. A escola não deve esperar uma crise para começar a discutir saúde mental. “As ações precisam ser constantes e não isoladas, quando algo acontece.”

Isso significa criar espaços de escuta, trabalhar autoconhecimento e empatia e estimular a convivência, sem transformar toda manifestação emocional em um diagnóstico. A parceria com a família é essencial. Quando uma mudança de comportamento é identificada, a escola pode buscar compreender o contexto vivido pelo estudante fora dela.

Para o psicólogo, escolas que investem em acolhimento e desenvolvimento de habilidades socioemocionais têm mais condições de promover um ambiente saudável do que aquelas concentradas exclusivamente no

desempenho acadêmico ou no rigor disciplinar.

A psicóloga infanto-juvenil Luisa Borges reforça que a escola deve observar mudanças no comportamento e situações que podem estar afetando o estudante, como isolamento, falta de vínculos e bullying. Para ela, também é importante trabalhar temas como empatia, respeito e compaixão. “A ansiedade é normal”, afirma, citando situações comuns como provas e relacionamentos. O sinal de alerta, segundo ela, aparece quando o quadro começa a prejudicar a rotina do aluno, como em crises de ansiedade durante as aulas.

No dia a dia, Luísa defende que pequenas adaptações podem fazer diferença, especialmente quando o professor já sabe que determinado aluno é mais sensível. Oferecer água, permitir uma ida ao banheiro, pedir ajuda para realizar uma tarefa ou ter um olhar mais cuidadoso diante de um resultado abaixo do esperado são algumas possibilidades.

Educação que forma para além da sala de aula



De forma pioneira em Brasília, o **Colégio Veritas** une **Educação Clássica**, Católica e Personalizada em uma proposta voltada à formação integral de cada aluno.

Aqui, a **excelência acadêmica** caminha lado a lado com a formação do caráter, o desenvolvimento das virtudes e a descoberta do verdadeiro, do bom e do belo.

Além do currículo convencional, nossos alunos têm contato com grandes obras da **Literatura, Latim, Lógica, Retórica, Música, Teatro e Belas Artes, além de práticas esportivas**. Experiências que ampliam o repertório cultural, desenvolvem o pensamento e fortalecem a capacidade de expressão.

Uma estrutura ampla e acolhedora, em contato com a natureza, proporciona também momentos de **convivência, contemplação e desenvolvimento**.

Com turmas reduzidas, acompanhamento personalizado e tutorias periódicas, **buscamos conhecer cada estudante de forma individual**, respeitando suas potencialidades, desafios e seu processo de amadurecimento.

Tudo isso a partir de uma identidade católica, que **integra fé e razão, conhecimento e caráter**, tradição e excelência acadêmica.



MATRÍCULAS ABERTAS PARA 2027

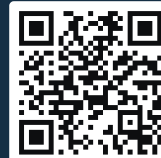
Do 1º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio

(61) 99466-8433

colgioveritasdf.com.br

Instagram: @veritas.df

Centro Israel
Pinheiro, perto da
Ermida Dom
Bosco - Lago Sul



Aprender também é cuidar do outro

Projetos de voluntariado aproximam estudantes de diferentes realidades sociais e transformam ações comunitárias em experiências de formação cidadã

GIOVANNA KUNZ

A escola costuma ser associada a provas, trabalhos, notas e preparação para o futuro profissional. Mas, para alguns estudantes, a formação ocorre, também, longe dos livros e das salas de aula. Em projetos de voluntariado, adolescentes entram em contato com outras realidades, desenvolvem vínculos e descobrem que aprender pode significar cuidar do outro.

No Colégio Leonardo da Vinci, na Asa Norte, uma das iniciativas é o Programa Irmão Mais Velho. Atualmente, 284 estudantes, do 9º ano à 3ª série do ensino médio, participam da ação. Em parceria com cinco instituições — Lar de São José, Casa da Criança Batuira, Casa de Ismael, Larzinho Chico Xavier e Casa do Caminho —, eles acompanham cerca de 250 crianças e adolescentes.

Antes de começar, os estudantes interessados e seus responsáveis conhecem a proposta em uma

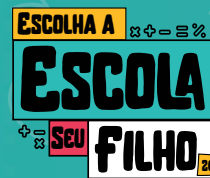
palestra. Depois, os voluntários passam por dois encontros de capacitação, que abordam o papel de quem participa do projeto, os cuidados necessários no ambiente de acolhimento e aspectos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Para Cristina Marques, orientadora educacional responsável pelo projeto no Leonardo da Vinci, a iniciativa parte da compreensão de que a educação não se resume aos conteúdos acadêmicos. “Nós queremos formar estudantes para a vida em sociedade, desenvolvendo não apenas conhecimentos, mas também valores, atitudes e competências humanas”, afirma.

Segundo ela, o contato com as crianças permite que os estudantes vivenciem, na prática, valores que, muitas vezes, aparecem apenas de forma teórica no cotidiano escolar. “Quando o estudante participa de uma ação em benefício de outra pessoa ou de uma causa, ele deixa de apenas ouvir sobre valores e passa a vivenciá-los na prática”, explica.



Thomaz Marra, Valentina Alves e Caetano Rosinha participam do Programa Irmão mais Velho



Minervino Júnior/CB/D.A.Press



É justamente essa experiência que marcou Thomaz Marra, de 19 anos. Ex-aluno do colégio e atualmente estudante de engenharia de software na Universidade de Brasília (UnB), ele conheceu o Irmão Mais Velho em 2023, quando ainda não podia participar. No ano seguinte, assim que as inscrições foram abertas, entrou no projeto. Mesmo depois de concluir o ensino médio, decidiu continuar como integrante da equipe técnica.

Uma das lembranças mais marcantes para ele aconteceu durante um campeonato que reúne crianças das cinco casas de acolhimento. Cerca de 150 a 200 crianças participam das atividades esportivas, como futsal, queimada e futebol. A equipe acompanhada por Thomaz chegou à final, mas perdeu nos pênaltis.

Apesar da derrota, o que ficou na memória do jovem foi a reação das crianças. “Só de estar ali vivendo aquele momento, elas ficaram superfelizes”, lembra. Para ele, a experiência mostrou que o resultado da competição era menos importante do que a oportunidade de participar. “Ver a alegria das crianças, mesmo no momento em que você pensa que todo mundo vai estar mais para baixo, e estava todo mundo alegre, feliz, participando. É isso que importa para mim no final.”

A convivência também provocou em Thomaz uma reflexão sobre as diferenças sociais. “Quando a gente lida com outras realidades, às vezes, toma um choque”, conta.

O voluntariado, diz, ajudou a perceber que existe uma parcela da sociedade que não aparece no cotidiano de quem vive em uma realidade mais privilegiada. “Isso ajuda a gente a perceber isso, a entender o mundo fora da nossa bolha”, afirma.

Aprendizado

A estudante Valentina Alves, 15 anos, também encontrou no projeto uma maneira de manter uma relação com o trabalho social que fazia parte de sua vida desde a infância. Criada em uma família envolvida em ações sociais, ela conta que, com o aumento das obrigações escolares, acabou deixando esse tipo de atividade de lado. Encontrar uma iniciativa dentro da própria escola facilitou a retomada.

“Eu acho que muita gente encara a escola como algo só dentro de sala de aula. E é algo que realmente forma o nosso olhar na sociedade”, afirma. Para ela, o voluntariado complementa a formação acadêmica ao colocar os estudantes em contato com pessoas de outras histórias e experiências.

Uma das situações que mais a marcou ocorreu em um encontro realizado em uma escola, com atividades na piscina. Na hora de ir embora, uma criança que Valentina acompanha mais diretamente começou a chorar porque os dois demorariam a se encontrar novamente. “A gente vai para o trabalho social pensando que será só mais um dia que as crianças vão ficar felizes, mas é algo muito mais profundo.”

A estudante diz que a experiência também desconstrói a ideia de que o voluntário é sempre quem ensina ou oferece algo. “A gente vai sem esperar nada em troca, mas quem aprende é a gente”, resume.

Para Caetano Rosinha, 15 anos, voluntário do projeto, essa é uma das principais lições da experiência. Ele entrou porque considera importante poder melhorar o dia das crianças, brincar com elas e oferecer atenção. “Eu não vejo isso como algo em que eu tenho que ser remunerado”, afirma.

O jovem critica, inclusive, a ideia de participar de uma ação social apenas para obter benefícios pessoais. Segundo ele, durante os treinamentos chegou a ouvir colegas dizendo que entrariam no Irmão Mais Velho pensando no currículo. “Eu acho que a gente tem que vir com essa mentalidade: dar e oferecer sem esperar nada em troca.”

Formação da cidadania

A importância dessas experiências vai além da percepção dos próprios estudantes. Para a professora e doutora Edileuza Fernandes, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), e coordenadora do Observatório de Educação Básica, o voluntariado pode ser entendido como parte da formação para a cidadania e para os direitos humanos.

“O envolvimento dos estudantes em ações sociais contribui para uma maior compreensão de questões da realidade social e das desigualdades que marcam uma sociedade que

ainda é muito desigual do ponto de vista do acesso a bens materiais e culturais”, avalia.

Segundo Edileuza, a participação em projetos dessa natureza também favorece o desenvolvimento do respeito, da solidariedade e do senso crítico. O contato com diferentes grupos permite que crianças e adolescentes conheçam outras experiências, valores e perspectivas.

Para a professora, portanto, a escola não precisa se limitar a incentivar o voluntariado. Também pode criar oportunidades concretas para que os estudantes participem de ações na comunidade. Ela cita como exemplo uma experiência que desenvolveu, em 2005, com outros professores do Centro de Ensino Médio de Taguatinga Norte (Cemeit). O projeto Aluno Cidadão permitia que os estudantes escolhessem instituições como hospitais, creches e lares de idosos e, com orientação dos professores, elaborassem projetos de intervenção.

“Um grupo de professores de disciplinas como filosofia, história, artes, física e sociologia se reuniu e desenvolveu o projeto”, relembra. Segundo Edileuza, muitos estudantes continuaram as ações depois do fim da iniciativa, percebendo a relevância da atuação comunitária.

No Leonardo da Vinci, o voluntariado também aparece em ações pontuais realizadas ao longo do ano. Estudantes, educadores e a comunidade escolar participam de atividades junto à Abrace, como a Semana da Páscoa, o Natal da Abrace, o McDia Feliz, gincanas solidárias e campanhas de arrecadação de tampinhas.

Para a orientadora Cristina Marques, a intenção é construir uma cultura de cuidado que ultrapasse uma ação isolada. “Nosso objetivo é cultivar uma cultura de cuidado, participação, respeito e comprometimento, ajudando nossos estudantes a compreender que fazer o bem não é apenas uma ação pontual, mas uma postura diante da vida e da sociedade.”

A experiência também pode deixar marcas nas escolhas que os jovens fazem no futuro. Edileuza acredita que as vivências durante a infância e a adolescência podem influenciar tanto a vida pessoal quanto a profissional. “Um projeto junto a crianças pequenas pode despertar o interesse pelo magistério, por exemplo”, exemplifica.

Educação antirracista no cotidiano

Discutir questões raciais com os estudantes também significa ajudá-los a encontrar pertencimento

ISABELA COSTA*

A educação antirracista pode começar muito antes de uma criança ou um adolescente compreender o significado da palavra racismo. Na escola, ela também aparece nas referências apresentadas aos estudantes, nas histórias contadas em sala, nas manifestações culturais valorizadas e nos espaços criados para que eles possam falar sobre suas próprias experiências.

No Centro de Ensino Médio (CEM) 01 do Riacho Fundo II, essa proposta faz parte do planejamento pedagógico da instituição. A escola realiza anualmente o Seminário de Educação Antirracista e Antissexista, mas a programação é tratada como a culminância de um trabalho desenvolvido durante todo o ano letivo. Para o diretor Júlio Molinari, a iniciativa representa mais do que um evento. “Não estamos falando apenas da realização de um seminário ou de uma atividade pontual. Estamos falando de uma concepção de educação e de um compromisso que a escola assumiu com a comunidade que atende”, afirma.

A escolha por manter o tema presente na rotina parte da realidade dos próprios estudantes. Segundo a direção, uma avaliação diagnóstica apontou que mais de 66% dos alunos se autodeclararam negros. O dado levou a equipe gestora a refletir sobre a necessidade de ampliar a presença da história, da cultura e das referências negras no cotidiano escolar.

A professora de língua portuguesa Anna Alice de Sousa Nunes, do Centro de Ensino Fundamental 04 do Guará, reforça

que a educação antirracista precisa fazer parte da rotina escolar durante todo o ano, e não apenas das atividades relacionadas ao Dia da Consciência Negra. “Temos que criar nos alunos a consciência de quando eles estão praticando racismo, de quando eles estão sofrendo e de como eles estão, às vezes, repetindo comportamentos sem saber”, justifica.

A proposta está alinhada às diretrizes nacionais para a educação das relações étnico-raciais. A Lei nº 11.645/2008, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas de ensino fundamental e médio. A legislação determina que os conteúdos sejam trabalhados em todo o currículo escolar, e não apenas em disciplinas específicas. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais também estabelecem como objetivo a valorização da identidade, da história e da cultura afro-brasileiras e a construção de relações étnico-raciais positivas.

Para Anna Alice, um dos desafios está na preparação dos professores e na compreensão de que o tema deve atravessar diferentes áreas do conhecimento. “A dificuldade que encontramos hoje nas escolas é, primeiro, a falta de formação para sabermos o que falar e como falar. Também os professores entenderem que aquele conteúdo é algo que faz parte do projeto político pedagógico, é um conteúdo transversal, para se trabalhar em todas as matérias”, afirma.

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Rafaela está prestes a ir para um intercâmbio na Espanha: “1ª vez que eu me senti pertencente”

No CEF 04 do Guará, Anna Alice desenvolve projetos em parceria com a professora de ciências Maria Eduarda Alves Paes. Neste ano, uma das iniciativas será um sarau poético relacionado à consciência negra, com atividades inspiradas na obra da escritora Conceição Evaristo. A proposta inclui poemas, dança e fotografias dos estudantes, em um trabalho voltado à valorização de suas identidades e de suas vivências. “O aluno não só aprende, como ele não esquece e passa isso para frente”, diz Anna Alice.

Pertencimento

Para a supervisora pedagógica CEM 01 Isabela de Sá Félix, discutir questões raciais com os estudantes também significa ajudá-los a compreender o próprio lugar na sociedade. Para ela, quanto mais cedo essas conversas começam, maiores são as

possibilidades de os jovens reconhecerem situações de violência e compreenderem as questões que atravessam suas vidas. “É importante para eles entenderem o local deles no mundo, e como essas pautas atravessam quem eles são”, explica.

Essas referências também podem surgir entre os próprios estudantes. Rafaela Queiroz, de 16 anos, está prestes a viajar para a Espanha após ser selecionada para uma oportunidade de intercâmbio. A aprovação fez com que percebesse que poderia ocupar espaços que antes pareciam improváveis. Para ela, o trabalho desenvolvido pela escola contribuiu para essa transformação. “Foi a primeira vez que eu me senti pertencente a algum lugar”, relata.

Na prática

A proposta do CEM 01 está inserida em uma política mais

ampla da rede pública de ensino do Distrito Federal. Segundo a Secretaria de Educação (SEDF), as escolas recebem orientações por meio de diretrizes normativas, pedagógicas e procedimentais relacionadas à educação antirracista. Entre as ações estão normas para inclusão da temática nos projetos político-pedagógicos, iniciativas de letramento racial, protocolos e materiais de apoio.

A formação dos profissionais também é apontada pela Secretaria como uma ação contínua. Professores e demais profissionais participam de cursos, ciclos formativos e projetos desenvolvidos em parceria com a Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (Eape) e a Subsecretaria de Educação Inclusiva e Integral (Subin/DDHD).

* Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte

SINEPE/DF
Educação Livre Educação

Sindicato dos Estabelecimentos
Particulares de Ensino do
Distrito Federal



**ESCOLA
LEGAL**
2027



Conte com o
SINEPE/DF
na busca da escola
de seu(sua)
filho(a)!



Reconhecimento,
gestão e capacitação
da educação particular
do Distrito Federal.

sinepe-df.org   @SinepeDF

seloescolalegal.com

Matricule seu(sua) filho(a) em uma instituição reconhecida
e autorizada pela Secretaria de Educação.

Acesse o site e conheça as escolas perto de você!

Segurança, qualidade certificada e
valorização da educação.



Sem deixar cair em rótulos

Desatenção, inquietude e impulsividade podem ser confundidas com indisciplina. Especialistas defendem preparo de professores para reconhecer sinais do TDAH sem estigmatizar estudantes

GIOVANNA KUNZ
EDUARDO FERNANDES

"Esquecida", "desorganizada", "atrasada", "inquieta" e até "burra". Ao longo da vida, Sabrina Sato colecionou rótulos que só passaram a fazer sentido quando recebeu o diagnóstico de Transtorno do Deficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Na infância, a apresentadora era a aluna que se distraía com qualquer som e frequentemente acabava expulsa da sala.

"Eu lembro quando comecei a ler um livro sobre TDAH e falei: 'Gente, é por isso que todos os dias eu era expulsa!'. Eu era aquela criança hiperativa, com mil pensamentos. Ao mesmo tempo em que a professora falava, eu conversava com as amigas e prestava atenção em tudo", contou Sabrina durante uma roda de conversa sobre a condição.

O relato ilustra os desafios de crianças e adolescentes neurodivergentes no ambiente escolar. Condição neurobiológica e genética que atinge cerca de 5% dos estudantes no mundo, o TDAH se manifesta por desatenção, inquietude e impulsividade — comportamentos que, se mal compreendidos, afetam o aprendizado e a autoestima.

"O professor tem um papel essencial de observar esse estudante e não deixar que esses rótulos interfiram em quem ele realmente é, respeitando os diferentes ritmos", afirma a educadora e especialista em inovação Débora Garofalo. Embora o diagnóstico seja exclusivo de especialistas, a sensibilidade

da escola é o ponto de partida para a identificação dos sinais. A educadora lembra a dimensão do desafio no país: o Brasil conta com mais de 133 mil escolas públicas, que concentram 82,9% dos alunos. "Pensar em TDAH é pensar em uma educação que não se limita ao conteúdo, mas envolve integração e autogestão."

Pertencimento

Se no campo nacional o debate avança, na rotina do Distrito Federal a busca por uma inclusão efetiva ainda se reflete em uma jornada exaustiva para muitas famílias. A brasiliense Nathalia Mariath Gomes Barbeito, 41 anos, vivencia essa batalha diariamente com o filho Guilherme, 10 anos. Além do TDAH, o garoto é autista nível 2 de suporte e tem transtorno de linguagem grave e distúrbio do processamento auditivo central (DPAC).

Atualmente no 4º ano, o menino e sua família enfrentam a difícil missão de consolidar a alfabetização enquanto tentam acompanhar o ritmo da escola. A maior barreira, segundo a mãe, não é a estrutura física, mas a falta de equipes preparadas para entender que a inclusão vai além de garantir a vaga. "Inclusão não significa simplesmente colocar uma criança com deficiência dentro de uma sala regular. É conhecer aquela criança, adaptar o ensino, respeitar o tempo dela e garantir que ela participe de verdade", desabafa Nathalia.

Com isso, a dificuldade de encontrar esse ambiente fez com que a família trocasse o filho de

Arquivo pessoal



Nathalia e o filho Guilherme: "Inclusão não pode depender da sorte"

escola praticamente a cada dois anos. "A inclusão não pode depender da sorte de encontrar uma professora ou uma mediadora sensível. Ela precisa fazer parte da estrutura da escola. A família não deveria precisar cobrar o tempo inteiro aquilo que já é direito."

Apesar das pedras no caminho, Nathalia destaca que as maiores vitórias estão nos pequenos progressos e no encontro com profissionais que enxergam o garoto para além dos laudos. "Quando aparece alguém disposto a conhecê-lo, adaptar a forma de ensinar e acreditar no potencial dele, isso muda completamente a experiência. Inclusão não é colocar a criança dentro da escola, é fazer com que ela pertença àquele lugar."

rótulo genérico sobre qual campo ele terá mais prejuízos, mas o campo é enorme e não dá para tomar decisões pedagógicas com base apenas nisso", analisa Lucelmo.

O especialista alerta que outro gargalo crítico na educação é a lacuna na formação de professores para aplicar práticas com evidência científica no dia a dia da sala de aula. "Seja para apoiar a concentração, ajudar na alfabetização ou lidar com desafios comportamentais, existem práticas com comprovação científica. Mas se elas não chegam aos professores ou se eles não têm treinamento para implementá-las, não conseguimos avançar", detalha.

A atenção precisa ser redobrada porque o TDAH e outros transtornos do desenvolvimento raramente aparecem isolados. Segundo a pediatra e hebiatra Lygia Reato, comorbidades e fatores do cotidiano atual agravam o cenário. "São fatores de risco que se associam e pioram o quadro, como o excesso de telas e a privação de sono", explica. O psiquiatra e pesquisador Paulo Mattos reforça que o cuidado exige uma abordagem multimodal, unindo medicamentos, terapias, família e escola.

Avaliação e ciência

Para que a adaptação pedagógica citada por Nathalia funcione na prática, o caminho deve ser técnico e baseado em evidências, superando a aplicação de estratégias genéricas. Doutor em educação e pós-doutor em psicologia, Lucelmo Lacerda explica que a construção de um Plano Educacional Individualizado (PEI) eficiente depende prioritariamente de uma avaliação criteriosa do estudante, e não apenas do laudo médico.

"O grande segredo é a avaliação. É preciso descobrir exatamente quais habilidades aquele indivíduo tem e quais ele ainda precisa desenvolver. O diagnóstico é um

Capacitação em rede

Buscando estreitar essa ponte entre a área da saúde e as salas de aula, a farmacêutica Apsen lançou a formação on-line e gratuita TDAH Levado a Sério na Escola, desenvolvida pelo Instituto D'Or com apoio institucional da Sociedade Brasileira de Pediatria. O projeto oferece a educadores de todo o país conteúdos sobre identificação de sinais, comorbidades (como a dislexia) e estratégias de manejo pedagógico. As instituições que capacitam ao menos metade do corpo docente recebem o selo Esta escola leva o TDAH a sério.

A ampliação desse conhecimento é o que permite transformar diagnósticos em caminhos de desenvolvimento.



Saúde no prato das crianças

Com a rotina corrida, ofertar alimentos naturais para os filhos, muitas vezes, torna-se um desafio. As escolas entram como aliadas dos pais nesse processo

ANA MILETTI*

Ofertar uma alimentação infantil saudável, em meio a um mundo repleto de ultraprocessados atrativos, torna-se cada vez mais complexo. Salgadinhos, refrigerantes e doces são formulados para despertar o desejo nas crianças, que passam a ter cada vez menos contato com alimentos naturais e não processados. O papel dos pais e da escola numa rotina alimentar nutritiva é essencial.

A nutricionista Maíra Mazoto, gerente de saúde em obesidade do Instituto Desiderata, explica como a alimentação dos responsáveis impacta a das crianças: “As escolhas são influenciadas pelo ambiente, pelo que está disponível, acessível e é oferecido diariamente. A criança passa uma parte importante do dia na escola, e aquilo que está disponível nesse espaço também influencia suas escolhas. Por isso, a escola tem um papel fundamental na construção de hábitos saudáveis”.

Nesse contexto, o fortalecimento do vínculo entre a criança e a comida deve estar presente no ambiente escolar, com atitudes voltadas para o processo de introdução e diversificação alimentar. “Hortas escolares e

ações de educação alimentar e nutricional também ajudam a aproximar os menores dos alimentos e a fortalecer uma relação positiva com a comida”, acrescenta Maíra.

Com esse olhar diferenciado, o Centro Educacional Brink Kids, em Vicente Pires, adota uma proposta didática e nutricional que alia a oferta de refeições baseadas em alimentos naturais a atividades pedagógicas sobre alimentação.

Gisele Pontes, diretora e mantenedora da instituição, explica que a oferta de café da manhã, almoço, lanche e jantar, com cardápios variados, estimula a aceitação de novos sabores. “Vemos crianças que chegam aqui com certa dificuldade para consumir determinados alimentos. Tentamos introduzi-los de maneiras diferentes ou até de forma disfarçada no meio da proteína, como é o caso de legumes e vegetais.”

Mão na massa

Ela esclarece que uma das estratégias usadas é dar um toque lúdico a pratos comuns. “Oferecemos tapioca como uma das opções. Como sabemos que alguns alunos têm resistência, adicionamos beterraba ou couve para deixá-la rosa ou verde.

Ana Miletti/CB/D.A Press



Daniele e Thiago, pais de Esther, alegram-se ao ver o entusiasmo da filha no Dia da Fruta

O que diz a lei

No Distrito Federal, a Lei Distrital nº 5.146/2013 e o Decreto nº 36.900/2015 regulamentam e proíbem a venda de alimentos não saudáveis nas cantinas das escolas públicas e privadas. É vedada a comercialização no ambiente escolar, entre outros produtos, de frituras, balas, chicletes, chocolates, biscoitos recheados, refrigerantes e outros itens com alto teor de sódio, gordura ou açúcar. Enquanto é permitida a venda de frutas, legumes e verduras; suco natural ou de polpa de fruta (100% fruta), sanduíches naturais e outros ricos em fibra e nutrientes.

Assim, os pequenos acham que é algo superdiferente”, detalha.

Além da oferta de alimentos nutritivos e sem leite, explica Gisele, a escola desenvolve projetos práticos. “Temos uma cozinha experimental na qual os alunos colocam a mão na massa e aprendem a preparar receitas como sanduíche natural e bolo. Além disso, toda quarta-feira promovemos o Dia da Fruta, em que pedimos aos pais que enviem uma opção para ensinarmos a importância e a diversidade desses alimentos.”

Gisele ressalta que, embora o papel da escola seja essencial, os responsáveis devem reforçar esse incentivo em casa, já que os filhos tendem a espelhar os hábitos dos pais. “Realizamos duas palestras anuais com os pais para que eles compreendam a importância de a escola estar lado a lado com eles. Sabemos da praticidade do alimento industrializado, mas a

comida saudável tem que ter seu lugar no dia a dia.”

Pais de Esther Gonçalves, de 3 anos, o tatuador Thiago Marques, 37, e a auxiliar administrativa Daniele Raniele, 33, notam a evolução da filha, em relação à alimentação. “Vemos que o cardápio é diferenciado e o tempero é muito saboroso. Além disso, comer junto com um amigo faz com que eles entrem em uma competiçãozinha e não deixem nada no prato. Essas coisas estimulam a criança a comer comidas que não aceitava em casa”, relatam.

A mãe se alegra ao ver o entusiasmo da filha com a rotina escolar, especialmente no Dia da Fruta. E Esther finaliza, convicta: “Minha comida favorita daqui é o macarrão, e sempre quero levar para os meus pais quando tem na escola!”

* Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte



Proteção que vai além da lei

Trinta e seis anos após implementação do ECA, especialistas apontam que o desafio não é criar mais leis, mas garantir que a proteção prevista chegue, de fato, a cada criança e adolescente

GIOVANNA KUNZ

Criado em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) representou uma mudança na forma como a infância e a adolescência são compreendidas e protegidas no Brasil. Ao reconhecer meninos e meninas como sujeitos de direitos e estabelecer a chamada prioridade absoluta, o estatuto passou a responsabilizar família, sociedade e Estado pela garantia de uma vida digna e segura. Mais de três décadas depois, porém, o desafio ainda está em transformar o que está previsto na legislação em proteção efetiva no cotidiano.

Para Luiza Teixeira, especialista em Proteção Contra Violências do Unicef no Brasil, um dos principais avanços do ECA foi justamente romper com a visão anterior, estabelecida pelo Código de Menores, que tratava crianças e adolescentes a partir da chamada situação irregular.

“O Estatuto da Criança e do Adolescente vem muito alinhado com a Convenção da ONU sobre os direitos da infância, trazer essa nova perspectiva de que crianças e adolescentes têm direitos e precisam ser protegidos com prioridade absoluta e que isso é responsabilidade de todos”, explica.

Para a especialista, entretanto, ainda existe um obstáculo cultural para a efetivação desses direitos. Mesmo após 36 anos da



Não é papel da escola investigar, mas quando chega uma situação de violência a seu conhecimento, ou mesmo quando há uma suspeita, a escola precisa estar preparada para saber o que fazer”

Luiza Teixeira,
especialista em Proteção Contra Violências do Unicef no Brasil

criação do ECA, parte da sociedade ainda não reconhece crianças e adolescentes como pessoas com direitos próprios.

“Já passou da hora de a gente começar a enxergar crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, e direitos que precisam ter suas necessidades, suas vozes ouvidas e consideradas em toda decisão que impacte a vida deles. Direta ou indiretamente”, afirma Luiza.

Outro desafio está na articulação entre os diferentes setores responsáveis pela proteção. Saúde, educação, assistência social,

conselhos tutelares, sistema de Justiça e Segurança Pública fazem parte do sistema de garantia de direitos, mas, segundo o Unicef, nem sempre atuam de maneira integrada ou com recursos suficientes.

A violência contra crianças e adolescentes também permanece entre as principais preocupações. Para Luiza, apesar dos avanços na legislação, os diferentes tipos de violência ainda são naturalizados e continuam atingindo meninos e meninas.

Nesse cenário, a escola ocupa uma posição estratégica. É no ambiente escolar que professores e outros profissionais podem perceber mudanças de comportamento, identificar possíveis situações de violência e acolher estudantes que estejam passando por algum tipo de violação. Mas a responsabilidade não deve recair apenas sobre a instituição de ensino.

“A legislação brasileira já instituiu que é responsabilidade de todos garantir os direitos de crianças e adolescentes com prioridade absoluta e tendo sempre em vista o melhor interesse de meninos e meninas. Então, a gente precisa ver que essa responsabilidade é compartilhada e que, portanto, a prevenção e a resposta às violências precisa vir de forma articulada entre todos esses atores”, destaca Luiza.

Maurenilson Freire/CB/D.A Press



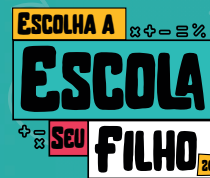
Dever compartilhado

No Colégio Marista João Paulo II, o professor Eurípedes Nunes Braga também considera que não existe uma divisão rígida entre as responsabilidades da família e da escola. Para ele, a proteção é um dever compartilhado, enquanto cada um exerce funções específicas no desenvolvimento da criança e do adolescente.

“A escola exerce papel central na efetivação do direito à educação, assegurando não apenas o acesso e a permanência do estudante, como prevê o ECA, mas também um ambiente de respeito, escuta e desenvolvimento integral”, afirma.

Segundo Eurípedes, a família é responsável pelo cuidado cotidiano, pela formação de valores e pelo acompanhamento afetivo, enquanto a escola atua principalmente nos campos pedagógico e relacional, promovendo educação para a cidadania e respeito mútuo.

A prevenção também passa pelo uso consciente das tecnologias. O Marista afirma utilizar plataformas digitais pedagógicas, fóruns de discussão e ferramentas como o Teams para acompanhar a comunicação entre os estudantes. Campanhas locais e nacionais, propostas pedagógicas em sala de aula e ações de escuta ativa também fazem parte do trabalho. “Trazendo, assim,



o aluno à reflexão do seu papel enquanto protagonista e ativo da comunicação em ambiente virtual”, explica Eurípedes.

Para o professor, um dos desafios atuais está justamente no descompasso entre a realidade vivida pelos estudantes fora da escola e as orientações recebidas no ambiente escolar. Ele cita a legislação brasileira sobre o uso de telas e as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), além da dificuldade de algumas famílias em acompanhar o uso desses dispositivos. “A escola segue protocolos de redução de telas, orientação quanto ao uso adequado e consciente, mas o próprio estudante vive um descompasso entre realidade e escola”, afirma.

Proteção on-line

Em meio às discussões sobre os impactos do ambiente digital na infância e na adolescência, o Brasil passou a contar, em março deste ano, com o Estatuto Digital da Criança e do Adolescente (ECA Digital). Criada pela Lei nº 15.211/2025, a legislação entrou em vigor em 17 de março de 2026 e atualiza as regras de proteção para crianças e adolescentes diante do uso de redes sociais, jogos, aplicativos, plataformas de vídeo e outros serviços digitais. A norma estabelece uma responsabilidade compartilhada entre famílias, sociedade, Estado e empresas de tecnologia.

Entre as mudanças previstas estão a necessidade de aferição

de idade para impedir o acesso de adolescentes a produtos e conteúdos proibidos, além da adoção de mecanismos de segurança e proteção de dados desde a configuração padrão dos serviços. A lei também prevê ferramentas gratuitas de supervisão parental, restringe a coleta excessiva de dados e o rastreamento para perfilamento comportamental de crianças e adolescentes e determina mecanismos de denúncia de conteúdos relacionados à exploração, ao abuso e ao aliciamento.

Acolhimento

No Marista, quando uma possível violação de direitos

é identificada, a instituição também precisa saber como agir. Segundo Eurípedes, existe um protocolo com etapas de acompanhamento dos estudantes e comunicação com as famílias. Em situações que extrapolam o cotidiano escolar, órgãos competentes também podem ser acionados.

“Por isso, os estudantes são acompanhados pelos setores: coordenação disciplinar e orientação educacional para acompanhamento dos efeitos em sua rotina escolar, as famílias são comunicadas a respeito do incidente ou demais efeitos que alcancem o dia a dia do estudante e, nos casos que extrapolam a subjetividade cotidiana, a escola entra em contato com órgãos competentes (Conselho Tutelar e demais) para as providências que violam legalmente os direitos da criança”, explica.

Para que esse trabalho funcione, a preparação dos profissionais é fundamental. A comunidade escolar precisa estar apta não apenas a reconhecer sinais de violência, mas também a acolher os estudantes e encaminhar cada situação corretamente. “A escola tem um papel central na rede de proteção e é preciso que a comunidade escolar se enxergue como parte dessa rede, e que os demais setores também vejam a escola com esse papel de importância”, afirma Luiza.

A especialista em Proteção Contra Violências do Unicef no Brasil ressalta que a preparação deve envolver todos os profissionais que circulam pelo ambiente escolar, e não apenas professores e gestores. “Não é papel da escola investigar, mas quando chega uma situação de violência a seu conhecimento, ou mesmo quando há uma suspeita, a escola precisa estar preparada para saber o que fazer, saber quem acionar e saber como acolher essa criança e adolescente”, explica.

O encaminhamento, segundo a especialista, pode variar de acordo com a estrutura de cada município e com o tipo de violência identificada. Em situações de violência sexual,

por exemplo, a saúde precisa ser acionada para acompanhar a criança ou o adolescente. O Conselho Tutelar também deve ser comunicado diante de uma situação de violência detectada ou de uma suspeita.

Mais do que conhecer a legislação, a proteção exige que os diferentes integrantes da rede saibam qual é seu papel e consigam atuar em conjunto. No Marista, a formação de professores, documentos institucionais e formação jurídico-institucional periódica são apontados como instrumentos para preparar a comunidade escolar.

“O conhecimento das situações de risco contribui para a construção de um ambiente escolar mais harmônico, cuidadoso e, acima de tudo, consciente das limitações e responsabilidades das relações interpessoais”, afirma Eurípedes.

Construção e formação

Para o professor, a proteção também passa pela formação dos próprios estudantes. O objetivo não é apenas aplicar a lei diante de uma violação, mas construir relações baseadas em respeito, alteridade e responsabilidade. “Um ambiente escolar seguro não é aquele que aplica a lei em sua forma literal, mas aquele que interpreta em ações de respeito ao próximo, alteridade social e, acima de tudo, convive de forma compreensiva e objetiva a responsabilidade inerente entre as pessoas”, conclui.

Na avaliação do Unicef, o próximo passo não depende necessariamente da criação de novas leis. O principal desafio é fazer com que as normas e políticas já existentes sejam efetivamente colocadas em prática. “O que a gente precisa não é necessariamente de mais leis ou mais políticas, a gente precisa que as políticas e as leis que já existem sejam colocadas na prática”, afirma Luiza. Para isso, a especialista defende compromisso político e investimento na infância e na adolescência, além do funcionamento articulado do sistema de garantia de direitos em todos os municípios.



EDUARDO FERNANDES

O ambiente escolar costuma ser o palco das primeiras grandes descobertas da juventude, mas também é onde surgem os primeiros desafios de convivência. No Centro de Ensino Fundamental 102 (CEF 102), na Asa Norte, o combate ao bullying e ao cyberbullying deixou de ser tratado por meio de intervenções pontuais para se tornar uma política diária e estruturada. Diante de uma geração imersa nas redes sociais, onde o assédio virtual cruza rapidamente as portas da escola, a instituição aposta na escuta ativa, no fortalecimento de vínculos e na conscientização entre os alunos.

A complexidade do problema exige acompanhamento constante. Segundo a diretora do CEF 102, Viviane Coelho da Silva de Lima, 47 anos, a evolução da tecnologia amplificou os danos de um fenômeno antigo. “O bullying é um fenômeno social que existe há muito tempo. Só que, no meu tempo, ele não tinha um impacto tão grande. Hoje, com a questão da internet e das redes sociais, ele se alastrou e tomou uma proporção muito grande, porque atinge milhões de pessoas muito rapidamente. Isso começou a afetar grandemente a saúde emocional de crianças e adolescentes”, pontua.

As redes sociais e as plataformas de comunicação rápida, como TikTok, Instagram e Discord, tornaram-se os principais canais em que o cyberbullying se manifesta antes de impactar a rotina pedagógica. Frequentes são os casos em que os alunos já chegam às salas desestabilizados por conta de intrigas digitais ou páginas criadas anonimamente para propagar ofensas. O coordenador pedagógico Rodolfo Ferreira de Oliveira, 28, fala sobre o trabalho necessário para conter o surgimento de possíveis episódios.

“Muitas vezes, o aluno já chega na escola desestabilizado porque fulaninho falou mal dela no TikTok ou fez indireta. Tentamos fazer esse acompanhamento”. A escola já precisou tomar medidas disciplinares cabíveis para coibir situações de ciberbullying e, em seguida, promoveu palestra no pátio, explicando a legislação que tipifica esse crime.

Rodolfo destaca que a apuração exige um “trabalho de formiguinha”, pois os conflitos digitais se renovam diariamente. “Você gasta toda uma energia para tentar descobrir o que está acontecendo e resolver o problema. Ai, no dia seguinte, já é um novo aluno. É algo complicado, mas a colaboração dos próprios estudantes em nos contar o que ouvem e veem ajuda muito”, relata o coordenador.

Carlos Vieira/CB/D.A Press

A coragem da escuta

O combate ao bullying e ao cyberbullying deve ser tratado como uma política diária e estruturada na escola, e não apenas uma intervenção pontual



Gabriel e Nina sabem identificar situações de bullying e ajudam a frear as ofensas na escola

Prevenção antes de tudo

Para evitar que a gestão escolar atue apenas de forma punitiva, a instituição desenvolveu o pilar “102 Inova”, que desdobra a inovação em três eixos: espaço físico, práticas pedagógicas e relações humanas. É nesse último eixo que se consolida o Projeto Conviva, estruturado com base nos direitos humanos e trabalhado de forma transversal em todas as disciplinas e nas aulas do projeto PD3.

“Muita gente pensa que se resolve o bullying com uma palestra, mas você tem de ter um projeto forte, estruturado, que trabalhe a prevenção o ano todo. Trabalhamos os três pilares: conexão (fortalecendo vínculos e relações horizontais), capacitação da equipe e ação contínua”, explica a diretora Viviane.

Entre os estudantes, o resultado dessa rotina de diálogo é perceptível. A aluna Nina Miguel, 13 anos, percebe a diferença que o aprendizado traz para a identificação das agressões, principalmente as mais sutis. “O bullying de meninas, geralmente, vem de forma mais sutil, como comentários passivo-agressivos, excluir alguma menina, que é o bullying social, ou falar mal de coisas pequenas, do cabelo ou do jeito que anda”, exemplifica.

Contudo, o debate em sala de aula facilita a identificação e a conscientização. “A gente pensa: ‘Isso aí é um bullying, então, eu vou ignorar’. O projeto 102 Inova ensina muito bem, explica os tipos de preconceito e faz com que tenha muito pouco bullying aqui”, completa.

Limites e apoio familiar

O impacto das piadas relacionadas ao corpo e à aparência é um dos pontos de atenção entre os meninos. O estudante Gabriel Felipe Lima de Sousa, 14 anos, aluno do 8º ano, observa que as agressões verbais costumam focar na altura e no peso. Ele destaca a importância de perceber quando o colega se sente incomodado.

“Geralmente, as pessoas demonstram que não gostam das brincadeiras. Ficam tristes, se isolam, algumas até choram. Quando a gente percebe, as pessoas param de fazer brincadeiras.”

A parceria com as famílias é apontada pela direção como a chave de sustentação desse trabalho. Desde a aula inaugural, os pais são conscientizados sobre a postura antibullying e recebem orientações para reforçar em casa a empatia, o respeito e o monitoramento das atividades digitais de seus filhos.



Ed Alves/CB/D.A Press



Izabella e Santiago com os professores Paulo Ferrari e Frederico Lara: estímulo para o aprendizado

Da sala de aula para a prática

A chamada cultura maker, de levar para o cotidiano a aprendizagem acadêmica, pode contribuir para a formação de estudantes mais críticos, participativos e capazes de investigar e solucionar problemas

ISABELA COSTA*

Aprender nem sempre significa apenas ouvir uma explicação, fazer anotações e responder a exercícios. O ensino baseado na experiência pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades que vão além do conteúdo. Para a pedagoga e professora da Universidade Católica de Brasília (UCB) Rafaela Marques, colocar o estudante em contato com a prática favorece a consolidação do conhecimento. “É notório que assimilamos muito mais quando estamos colocando em prática os conhecimentos trabalhados. Afinal, aprendemos fazendo”, afirma. Segundo a especialista, esse tipo de abordagem pode estimular autonomia, convivência em grupo e resolução de problemas.

Rafaela reforça que experiências práticas podem preparar os estudantes para desafios que ultrapassam a vida escolar. A chamada cultura maker pode contribuir para formar alunos mais

críticos, participativos e capazes de investigar e solucionar problemas. A especialista destaca que, com o avanço tecnológico, cabe à escola aproximar conhecimentos teóricos e práticos. Nesse processo, o estudante deixa de ter uma postura apenas passiva diante do conteúdo e passa a participar de sua construção.

Na Swiss International School Brasília (SIS), o conteúdo também é trabalhado por meio de experiências em que os estudantes precisam criar, testar, investigar e encontrar soluções. A proposta aparece em diferentes momentos da rotina escolar e busca colocar o aluno como participante do processo de aprendizagem.

Para o professor de física e coordenador do ensino médio, Paulo Ferrari, a estrutura das aulas prevê esse envolvimento. “A SIS tem uma estrutura de aula já pensada em ter parte prática dos alunos”, explica. Segundo ele, mesmo nas atividades teóricas, os estudantes são estimulados a investigar e trabalhar por conta

própria. “A ideia é que, mesmo nos 50 minutos de cada aula, a maior parte do tempo seja o aluno trabalhando por conta própria, fazendo investigação, vendo como as coisas funcionam. Isso é crucial, é parte da didática da escola.”

A prática também aparece fora da grade curricular, em iniciativas como os clubes de ciências e de debates e a feira do método científico. Nesses espaços, os alunos participam da criação e da execução das atividades. “Os professores direcionam, mas é um aluno que gerencia a execução e o interesse dentro daquilo que a gente oferece”, detalha Paulo.

O professor de matemática e tecnologia da informação (TI) Frederico Lara reforça que esse contato com a prática faz parte da rotina dos estudantes desde os primeiros anos. “Desde pequenos, os alunos produzem projetos para colocar o conhecimento deles de uma forma prática”, conta.

Nas aulas de TI do SIS, que envolvem programação, eletrônica, robótica e Arduino, os alunos

utilizam conhecimentos de matemática e ciências para desenvolver soluções relacionadas a situações do cotidiano. Frederico cita uma atividade inspirada no funcionamento dos postes de iluminação pública. “Eles pegam sensores reais de luminosidade, criam circuitos, entendem toda essa dinâmica de como funciona, programam”, detalha.

A proposta permite que os alunos compreendam, na prática, um mecanismo que faz parte do dia a dia. Para Frederico, experiências assim ajudam o estudante a perceber que o conhecimento pode ser utilizado para solucionar problemas reais.

Experiência

Entre os estudantes, a diferença entre teoria e prática também é percebida. Izabella Gonçalves, de 16 anos, conta que gosta, especialmente, das aulas de TI, nas quais trabalha com Arduino. Para ela, o contato com os componentes ajuda

a compreender melhor o funcionamento dos computadores. “Quando a gente mexe no computador, não entende completamente como ele funciona. E quando a gente vai pegar na prática, é muito mais confuso, muito mais complexo do que simplesmente ligar e acessar algum site”, relata.

Já Santiago Iglesias, 15, encontra no Model United Nations (MUN), atividade extracurricular de debates, uma oportunidade de desenvolver o pensamento crítico. “Eu gosto de discutir sobre os problemas que estão acontecendo ao redor do mundo”, conta. Para o estudante, participar dos debates também exige compreender diferentes pontos de vista. “No MUN, você pode ter uma opinião diferente do país que está representando, mas, já que você está representando aquele país, tem que agir como ele”, explica.

* Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte



Medalhas que agregam saber

Olimpíadas de conhecimento ajudam a revelar aptidões e estimulam autonomia e raciocínio lógico. Algumas universidades as usam no ingresso para a graduação

LETÍCIA PASSOS

Resolver uma questão para a qual ninguém ensinou uma fórmula pronta, insistir quando a resposta não aparece de imediato e descobrir, no processo, uma habilidade que, talvez, ainda estivesse escondida. Para milhões de estudantes brasileiros, experiências como essas têm ultrapassado os limites da sala de aula por meio das olimpíadas de conhecimento. Em 2025, mais de 26 milhões de crianças e adolescentes participaram dessas competições no país, segundo o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).

As disputas abrangem diferentes áreas do conhecimento e têm conquistado espaço no planejamento das escolas. Mais do que a busca por medalhas, elas colocam crianças e adolescentes diante de desafios que exigem raciocínio, criatividade e autonomia.

Para Ana Júlia Caires, pedagoga com especialização em neuropsicologia, a experiência amplia as possibilidades de aprendizagem ao retirar o estudante, ainda que momentaneamente, da dinâmica à qual está habituado.

“Eu vejo as olimpíadas de conhecimento como uma forma de ampliar a experiência de aprendizagem. O aluno sai um pouco do formato tradicional da sala de aula e é desafiado a pensar, buscar estratégias

“As olimpíadas são uma importante forma de estimular e identificar talentos. Queremos aproximar os estudantes da universidade, dos nossos cursos, laboratórios e da ciência. O talento está em toda parte. Precisamos ajudar a ampliar as oportunidades para que ele possa se desenvolver”

Thiago Coelho, decano de Ensino de Graduação da UnB

e confiar no próprio conhecimento. Muito mais do que uma competição, importante é o processo e tudo o que ele desenvolve durante essa experiência, como autonomia, raciocínio lógico, capacidade de resolução de problemas e, principalmente, aprender a lidar com desafios.”

A relevância das competições ganhou reconhecimento institucional neste ano. Em janeiro, foi sancionada a Lei nº 15.331/2026, que instituiu julho como o Mês Nacional das Olimpíadas Científicas e do Conhecimento. A norma teve origem em projeto de autoria do senador Marcos Pontes (PL-SP).

Descobrir quem ainda não apareceu

Se participar já coloca o estudante diante de novas formas de aprender, fazer com que essa oportunidade chegue a diferentes perfis de alunos é uma etapa anterior ao treinamento. No Colégio Olimpo, o trabalho começa no 6º ano do ensino fundamental e parte de uma premissa: não restringir a participação àqueles que já apresentam as melhores notas em determinadas disciplinas.

Diretor acadêmico do Olimpo e diretor da unidade de Águas Claras, Diego Bernadelli chama atenção para estudantes cujo potencial pode não aparecer no desempenho escolar cotidiano. Ao explicar a estratégia adotada pela instituição, ele recorre ao conceito de “gênios invisíveis”, expressão usada em estudo que acompanhou participantes da Olimpíada Internacional de Matemática.

“O erro comum da escola é chamar quem já vai bem em matemática e parar aí. Assim, você só encontra quem já era visível.

Ed Alves/CB/D.A Press



Matheus Dowsley Arcoverde de Mello acumula cerca de 20 medalhas

Há um estudo que acompanhou por anos os participantes da Olimpíada Internacional de Matemática e mostrou que o talento medido aos 17 anos prevê produção científica melhor do que o diploma da melhor universidade do mundo. O mesmo estudo mostrou que esse talento, quando nasce no lugar errado, não vira nada. Chamaram essas pessoas de gênios invisíveis. Todo colégio tem os seus, e quase sempre é o aluno quieto, o que vai mal em outra matéria, o que tem vergonha de tentar.”

Na prática, a proposta é ampliar a porta de entrada para que

a própria competição ajude a revelar quem pode avançar. Bernadelli destaca que o número de inscritos, portanto, pode dizer tanto sobre o trabalho desenvolvido por uma escola quanto a quantidade de premiações conquistadas por seus alunos.

“Por isso, a identificação começa no 6º ano, e a porta de entrada é a inscrição, não a indicação. Medalha é do aluno que tirou. Inscrição é da escola. A maior parte das medalhas que uma escola perde não se perde na prova, perde-se no prazo que passou e na inscrição que ninguém fez. Hoje, esse



acompanhamento é semanal, e o número de cada unidade fica aberto para todas as outras.”

Preparação contínua

Encontrar estudantes interessados é apenas uma parte do processo. A preparação para as olimpíadas exige continuidade e contato frequente com problemas diferentes daqueles normalmente identificados nas avaliações escolares. No Olimpo, o treinamento foi organizado em três frentes que acompanham diferentes momentos da trajetória dos alunos.

A primeira está inserida na própria rotina acadêmica. Os estudantes cumprem semanalmente uma quantidade de exercícios calculada de acordo com a carga horária de cada disciplina e distribuída de maneira que os conteúdos reapareçam ao longo das semanas. No ensino médio, há, ainda, avaliações todas as sextas-feiras.

A segunda frente ocorre fora do horário regular, nas turmas G+, voltadas ao treinamento olímpico. Para os alunos do ensino fundamental, os encontros são realizados às sextas-feiras; no ensino médio, aos sábados.

Já a terceira etapa reúne aulas específicas de matemática, física e química, acompanhamento dos professores das respectivas áreas e resolução de provas anteriores para quem avança nas competições.

Para Bernadelli, a constância é essencial, porque o desempenho não se define apenas às vésperas de uma competição. “A nossa preparação tem três camadas, e nenhuma delas funciona sozinha. A primeira é a rotina comum, porque não existe medalhista improvisado.”

Os resultados cresceram junto com a estrutura dedicada às competições. O grupo registrou 424 medalhas e menções em 2022 e 1.444 em 2025. Em 2026, com quatro olimpíadas contabilizadas até o momento em que Bernadelli respondeu à reportagem, eram 860 premiações.

Um caminho para se descobrir

Entre essas medalhas estão cerca de 20 conquistadas por Matheus Dowsley Arcoverde de Melo, de 16 anos. Aluno da 2ª série do ensino médio, ele participa de diferentes competições e integra uma turma voltada à preparação para o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). Ao longo desse percurso, conta que o conteúdo trabalhado pela escola e o apoio recebido de professores e da família deram segurança para enfrentar as provas.

“O Olimpo me deu toda uma base de conhecimento. Eles me botaram em uma turma especial para isso, a turma ITA. A partir daí, eu fui evoluindo muito, conforme fui aprendendo as matérias. Quando você chega para fazer a prova dá um alívio, porque você vê o que foi feito na aula, você vê as coisas familiares que a escola te mostrou.”

Mas o estudante identifica outro resultado dessa trajetória que não cabe no quadro de medalhas. Participar das competições o ajudou a perceber afinidades entre as disciplinas e a pensar no próprio futuro.

“Participar das Olimpíadas trouxe saber o que eu quero.

Porque eu fui participando, e aí fui descobrindo de quais matérias eu gosto mais, de quais matérias eu gosto menos. Também me ajudou a ter um plano de vida, conhecer muita gente. Participar abre muito a visão de mundo.”

A experiência de Matheus ajuda a mostrar por que o desempenho final não precisa ser o único parâmetro para pais e escolas. A preparação coloca o jovem diante de problemas que exigem tentativa, erro e persistência, habilidades que continuam úteis mesmo quando a medalha não vem. Bernadelli considera justamente esse processo o principal benefício das olimpíadas.

“O benefício maior não é o atalho, é o que a olimpíada faz com o aluno antes disso. Ela é o único momento de escolarização em que o estudante encontra um problema que o professor dele não preparou. A prova comum cobra o que foi dado, com o método que foi treinado. Isso é necessário, e é insuficiente.”

Da medalha à universidade

Nos últimos anos, as premiações também passaram a produzir uma consequência mais concreta para estudantes que chegam ao fim da educação básica: algumas universidades públicas adotaram formas de ingresso destinadas a medalhistas de competições científicas nacionais e internacionais.

Entre elas estão a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual Paulista (Unesp), a Universidade Federal de Itajubá (Unifei), a Universidade Federal do ABC (UFABC) e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Na Universidade de Brasília (UnB), foram previstas vagas extraordinárias para medalhistas de competições do conhecimento, sem redução das destinadas às formas tradicionais de ingresso. A adesão fica a critério de cada curso, que mantém autonomia para

decidir se participa do modelo. Segundo a instituição, a iniciativa busca atrair estudantes que já demonstraram interesse pela ciência durante a educação básica e estreitar a relação com essa etapa de ensino.

Para a universidade, considerar o desempenho nessas competições no processo de ingresso também é uma maneira de reconhecer trajetórias construídas antes da graduação e incentivar o interesse pela produção científica desde a escola.

“As olimpíadas científicas ajudam a identificar, ainda na educação básica, jovens com grande interesse pelo conhecimento e pela ciência. Reconhecer essas trajetórias no ingresso valoriza o esforço desses estudantes e permite à universidade atrair novos talentos. Para o país, é também uma forma de estimular a formação científica desde a escola e aproximá-la da universidade”, disse o decano de Ensino de Graduação da UnB, Thiago Coelho.

No Distrito Federal, essa aproximação pode começar antes mesmo do processo seletivo. A UnB afirma ter interesse em fortalecer a relação com as escolas e aproximar os estudantes de seus cursos, laboratórios e atividades científicas.

“A UnB quer estar cada vez mais próxima das escolas do Distrito Federal. As olimpíadas são uma importante forma de estimular e identificar talentos, queremos aproximar os estudantes da universidade, dos nossos cursos, laboratórios e da ciência. O talento está em toda a parte; precisamos ajudar a ampliar as oportunidades para que ele possa se desenvolver.”

Para além das medalhas ou de uma possível vaga na universidade, as olimpíadas podem trazer efeitos que acompanham o estudante durante a formação. Ao tirá-lo da lógica de apenas reproduzir conteúdos, as competições estimulam autonomia, persistência e novas formas de resolver problemas, aprendizados que permanecem mesmo depois que a prova termina.

Maple Bear: UM PEDAÇO DO CANADÁ EM BRASÍLIA



@maplebearbrasil.sudoeste

Uma rede com mais de 500 escolas no mundo, metodologia canadense e uma proposta completa com respaldo global.

Seu filho não precisa acompanhar o futuro.
Ele pode estar à frente dele.

DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO MÉDIO

MAPLE BEAR BRASÍLIA

 **ASA NORTE E SUDOESTE**

AGENDE UMA VISITA:

brasilia.maplebear.com.br

Asa Norte

 **(61) 2027-2023**

Sudoeste

 **(61) 3051-9250**

